



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Departamento de Economia Política

Nomadismo Digital: os perfis e as motivações associados a diferentes tipos de deslocação geográfica

Mariana Tardão Reis Cunha Pinto

Mestrado em Políticas de Desenvolvimento dos Recursos Humanos

Orientadora da tese:

Prof. Doutora Maria Teresa Féria de Almeida, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Julho, 2025



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Economia Política

Nomadismo digital: os perfis e as motivações associados a diferentes tipos de deslocação geográfica

Mariana Tardão Reis Cunha Pinto

Mestrado em Políticas de Desenvolvimento dos Recursos Humanos

Orientadora da tese:

Prof. Doutora Maria Teresa Féria de Almeida, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Julho, 2025

Agradecimentos

Para os meus pais,

Resumo

O nomadismo digital é um fenómeno emergente associado ao avanço tecnológico e à globalização, caracterizado pela mobilidade geográfica de indivíduos que trabalham remotamente. Este estudo exploratório tem como objetivo compreender os perfis de nómadas digitais e as motivações associadas a diferentes tipos de deslocação geográfica, recorrendo à teoria dos fatores *push-pull*.

Através de uma metodologia quantitativa, foi aplicado um questionário *online* e foram obtidas 87 respostas válidas. Os tipos de nómadas digitais e as motivações foram analisados em função do tipo de percurso – percurso intercontinental e percurso intra-país/inter-regional – e o estudo sugere que as características e motivações dos nómadas digitais variam consoante o tipo de percurso, contribuindo para uma maior compreensão deste fenómeno contemporâneo.

No percurso intercontinental, destaca-se o facto de os assalariados e os empresários estarem mais próximos de níveis intermédios das variáveis, ao contrário dos *freelancers*, e apresentarem uma valorização pessoal e contextual. No caso de trajetos mais curtos, o tipo *freelancer* parece estar mais próximo do zero nos dois eixos, não estando relacionado nem com o pragmatismo operacional nem com orientação para o meio e interação social, enquanto o tipo empresário tem maior orientação para o meio e interação social do que pragmatismo operacional.

Palavras-chave: Nomadismo digital, migração, fatores *push-pull*, perfis de nómadas, deslocação geográfica

Abstract

Digital nomadism is an emerging phenomenon associated with technological advancements and globalization, characterized by the geographical mobility of individuals working remotely. This exploratory study aims to understand the profiles of digital nomads and the motivations associated with different types of geographical movement, using push-pull factor theory.

Using a quantitative methodology, an online survey was conducted, yielding 87 valid responses. Digital nomad types and motivations were analyzed based on the type of journey – intercontinental travel and intra-country/inter-regional travel – and the study suggests that digital nomads' characteristics and motivations vary depending on the type of journey, contributing to a better understanding of this contemporary phenomenon.

On intercontinental journeys, it is noteworthy that employees and business owners are closer to intermediate levels of the variables, unlike freelancers, and show a greater appreciation for personal and contextual values. For shorter routes, the freelancer type appears to be closer to zero on both axes, not being associated with either operational pragmatism or orientation toward the environment and social interaction, whereas the business owner type shows greater orientation toward the environment and social interaction than toward operational pragmatism.

Key-words: Digital nomadism, migration, push-pull factors, nomad profiles, geographical movement

Índice

Resumo	i
Abstract.....	iii
CAPÍTULO 1	1
Introdução	1
CAPÍTULO 2	3
Revisão da Literatura	3
2.1 Migrações humanas	3
2.2 Migração: teorias e motivações	5
2.3 O papel da migração em diferentes contextos	8
2.4 Nomadismo digital	9
2.5 Nomadismo digital e a teoria dos fatores <i>push-pull</i>	12
CAPÍTULO 3	14
Método	14
3.1 Procedimento	14
3.2 Participantes	14
3.3 Medidas	15
3.4 Estratégia de análise de dados	16
3.5 Identificação das componentes para análise e indicadores de fiabilidade	17
CAPÍTULO 4	20
Resultados.....	20
4.1 Estatística descritiva para as diferentes variáveis em análise na Análise de Correspondência Múltiplas	20
4.2 Análise de correspondências múltiplas	23
4.2.1 Percurso intercontinental	23
4.2.2 Percursos intra-país e inter-regional	27
CAPÍTULO 5	30
Discussão e Conclusão	30
5.1 Implicações práticas e teóricas	32
5.2 Limitações e direções para investigação futura	33
Referências	35
Anexo A. Questionário	40

Índice de figuras

Figura 1. Medidas de discriminação – percurso intercontinental.....	24
Figura 2. Conjunto de categoria – percurso intercontinental.....	26
Figura 3. Medidas de discriminação – percurso intra-país e inter-regional.....	27
Figura 4. Conjunto de categoria – percurso intra-país e inter-regional.....	29

Índice de tabelas

Tabela 1. Tipo de deslocação da amostra.....	17
Tabela 2. Análise de componentes principais para os fatores push.....	18
Tabela 3. Análise de componentes principais para os fatores pull.....	19
Tabela 4. Frequência para o tipo de nómada digital e tipo de deslocação.....	20
Tabela 5. Frequência para o tipo de nómada digital e tipo de percurso.....	20
Tabela 6. Frequência para os fatores pull.....	22
Tabela 7. Frequência para os fatores push.....	23
Tabela 8. Medidas de discriminação – percurso intercontinental.....	24
Tabela 9. Medidas de discriminação – percurso intra-país e inter-regional.....	27

CAPÍTULO 1

Introdução

A migração constitui um fenómeno histórico e complexo em constante crescimento, tendo-se registado solicitações para o seu aprofundamento através de diversas perspetivas teóricas (Castles et al., 2020).

O fenómeno pode ser caracterizado pela circulação de pessoas entre diferentes locais por razões sociais, económicas ou políticas (Koser, 2016). Contudo não existe uma definição universal e consensual (Castles & Miller, 2009; Salt, 1987). Distingue-se em vários aspetos, nomeadamente sobre a permanência, a distância, a duração, a tomada de decisão e o tipo de deslocação (e.g., Castles & Miller, 2009; Chandna, 1998; King, 2012; NU, 1970; OIM, 2019).

De acordo com as Nações Unidas (1970), para que um indivíduo seja considerado migrante deve existir alguma permanência na sua estadia e Peterson (1968) acrescenta que o movimento deve ser ao longo de uma distância significativa, com tempo mínimo de permanência de um ano. Para Hollingsworth e Trewartha (1971), o movimento deve ser permanente.

O tipo de deslocação e distância podem ser classificados em internos ou externos e longas ou curtas, respetivamente (Chandna, 1998; Newman, 1984; Poulain & Perrin, 2001; Weeks, 1989). Mais recentemente, King (2012) apresentou uma classificação de natureza espacial-temporal para várias dimensões. O autor define a distância entre intercontinental - entre continentes e distâncias maiores ou no mesmo continente, mas em regiões distintas -, interna/inter-regional e local. A dimensão referente ao tempo, relacionada com a duração, pode ser permanente, temporária ou de circulação (sazonal ou migração de ida e volta).

As teorias clássicas sobre a migração explicam este movimento como resposta a desigualdades socioeconómicas, onde os indivíduos procuram melhores oportunidades e sugerem que o desequilíbrio no mercado de trabalho a impulsiona – teoria neoclássica (Arango, 2000; Spaan & Zoomers, 2008) –, ou como um processo de decisão coletiva para minimizar os riscos - teoria da nova economia. A teoria da dualidade do mercado de trabalho, por sua vez, foca-se na procura por trabalhadores migrantes em economias industrializadas (Stark, 1991).

Ao longo das últimas décadas, com o desenvolvimento tecnológico e a globalização, surgiu um novo tipo de mobilidade, com características e motivações diferentes, o nomadismo digital (Cohen et al., 2015; Hannonen, 2021; Koser, 2016), um fenómeno amplamente crescente após a pandemia de COVID-19 (Tokarchuck et al., 2021).

O nomadismo digital envolve indivíduos que trabalham remotamente com liberdade de localização, desde que haja acesso à internet, e flexibilidade para trabalhar em diferentes fusos

horários (Aroles & Bonneau, 2021). Para classificar os nómadas digitais, Cook (2023) definiu uma classificação de cinco tipos: *freelancer*, empresário, assalariado, experimental e *armchair*, sendo que estes dois últimos não são considerados nómadas digitais ativos.

Desta forma, as mudanças tecnológicas facilitaram novos modelos de trabalho e o nomadismo digital surgiu como consequência. Este fenómeno, caracterizado por estadias de curta duração, reflete também diferenças nos tipos de deslocação geográfica em que alguns indivíduos optam por circuitos de maior proximidade e outros realizam deslocações de maior distância.

Embora as teorias clássicas sobre a migração expliquem certos aspetos do comportamento migratório, não abordam completamente as dinâmicas do nomadismo digital, que envolve uma mobilidade contínua e conexão virtual com o mercado de trabalho global. Neste trabalho, adota-se a teoria dos fatores *push-pull*, normalmente associada ao turismo, para ajudar a explorar este fenómeno ao considerar tanto as motivações intrínsecas do indivíduo como as características atrativas do destino (Han et al., 2020; Yousefi & Marzuki, 2015).

Dada a relevância e crescimento deste fenómeno, torna-se importante identificar e compreender os diferentes perfis de nómadas (i.e., tipo de nómada e fatores motivacionais ligados à deslocação), considerando os vários tipos de deslocação.

Assim, o presente estudo procura responder à questão de investigação: Quais os perfis de nómadas digitais associados a diferentes tipos de deslocação?

A estrutura deste trabalho inicia-se com a apresentação da revisão da literatura sobre as migrações humanas, incluindo as várias definições, teorias e motivações associadas, bem como o surgimento do nomadismo digital e as características e motivações deste fenómeno considerado como “um novo tipo de migração”. Posteriormente, apresenta-se a metodologia usada para a identificação dos perfis de nómadas associados a diferentes tipos de deslocação, seguindo-se a análise dos resultados. Por fim, discutem-se os resultados e são identificadas conclusões deste estudo de natureza exploratória, bem como as limitações e propostas para investigação futura.

CAPÍTULO 2

Revisão da Literatura

2.1 Migrações humanas

A migração não é um fenómeno novo, existe desde sempre e tem sido alvo de estudo continuado. O ser humano tem vindo a movimentar-se de um sítio para o outro, ao longo de décadas, por razões sociais, económicas ou políticas (Koser, 2016).

As migrações têm desempenhado um papel fundamental na redistribuição da população global, impactando significativamente o crescimento e o desenvolvimento das cidades. Desempenham papel central na redistribuição populacional, na interligação entre comunidades e na dinâmica demográfica (Newell, 1988). Para este autor, o termo migração significa mudança.

A migração tem sido discutida ao longo de décadas, não sendo um termo consensual ou universal, por ser um fenómeno complexo e diverso (Castles & Miller, 2009; Salt, 1987). As várias definições para este fenómeno abordam aspetos diferentes, nomeadamente a permanência, a distância, a duração, a tomada de decisão (voluntária ou involuntária) e o tipo de deslocação.

Relativamente à permanência, a definição das Nações Unidas afirma que um indivíduo migrante muda de país e, conseqüentemente, a sua residência habitual, implicando alguma permanência. Por implicar uma alteração de residência, permite distinguir o termo migração de outras formas de mobilidade que não têm implícita essa mudança como, por exemplo, o caso de indivíduos refugiados que permaneçam noutro país sem uma identidade legal (NU, 1970).

Enquanto para as Nações Unidas (1970), um migrante é o indivíduo que muda de residência para outro país com permanência, não especificando a duração, Peterson (1968), define a migração como o movimento ao longo de uma distância significativa, sendo que o tempo mínimo de permanência deverá ser um ano. Se o movimento for inferior temporalmente, considera-se uma visita geográfica ou social. Assim, para o autor, migração implica uma alteração permanente de residência, relacionando as dimensões permanência e duração. Porém, Koser (2016), considera que, o critério de um ano para o indivíduo ser considerado migrante, não é condição suficiente uma vez que é difícil determinar quanto tempo o indivíduo estará ausente, acrescentando importância na definição de quando é que o indivíduo deixa de ser considerado migrante.

Ao encontro de Peterson (1968), também Hollingsworth e Trewartha (1971), defendem que a migração implica uma alteração permanente de residência, integrando componentes raciais, linguísticas, nacionalistas, disseminação cultural e integração social, criando comunidades dentro da própria comunidade. Para além da permanência, Hollingsworth e Trewartha (1971), enfatizam a relevância da distância para a definição do termo de migração, afirmando que a migração implica um

movimento de alguma distância que resulta numa alteração permanente da residência. Afirmar ainda ser uma definição que exclui outros tipos de mobilidade como os movimentos entre o centro da cidade e periferia que muitos indivíduos percorrem diariamente, deslocamentos sazonais, movimentos turísticos e até de nômadas pastorais.

Sobre a permanência, surge Lee (1966), defendendo que a migração tanto pode ser vista como uma permanente ou semipermanente mudança de residência, não havendo restrição sobre a distância de deslocamento ou quanto à sua natureza voluntária ou involuntária do ato, bem como a distinção entre migração externa e interna. A abordagem de Lee (1966) não vai ao encontro de Kempf (2019) que classifica a migração em voluntária ou não voluntária e afirma que o termo “migrante” compreende diversas situações em que um indivíduo se pode encontrar forçado ao exílio, relacionando-se com a classificação de ser uma migração voluntária ou involuntária por razões socioeconômicas e políticas. Para Bauman (1996) o tipo de deslocamento voluntário é associado ao turismo e não à migração.

Quanto à dimensão sobre a distância e tipo de deslocamento, a migração pode ser considerada interna ou internacional (Weeks, 1989) e, para os autores Newman (1984) e Chandna (1998), este deve-se à natureza da fronteira identificada. Se a fronteira for entre Estados, distritos, cidades, são migrações internas, caso contrário são consideradas como externas ou internacionais. Poulain e Perrin (2001) corroboram a ideia de migração interna e introduzem a frequência, ou seja, para uma migração ser considerada externa ou internacional, o indivíduo vive fora do seu país de origem pelo menos uma vez por ano.

Para a migração ser classificada como interna ou externa, Clarke (1978) defende que o critério aplicável será a duração inferior a um ano ou superior, respetivamente, já anteriormente apresentada por Peterson (1968) para a questão relacionada com a permanência e a definição de migração.

A Organização Internacional da Migração (2019), define um migrante como qualquer pessoa que está em movimento ou já se movimentou além-fronteiras, indo ao encontro de Newman (1984) e Chandna (1998), longe do seu local de residência habitual, mas independentemente da sua situação fiscal, se o movimento é voluntário ou não e a duração do movimento.

Johnston (1994) diferenciou a distância entre curta e longa distância, cuja limitação é não existir uma forma de a calcular e associá-la quanto à sua natureza (i.e. curta ou longa).

Enquanto alguns autores definem o termo de migração de uma forma específica e não englobam várias perspetivas, Milanovic (2016), fá-lo conjugando as diversas definições apresentadas. O autor considera simultaneamente o aspeto sobre a duração para classificar a migração em temporária ou permanente; a distância para classificar em curta ou longa; as fronteiras para internas e externas/internacionais; as partes envolvidas (um só indivíduo ou um grupo); a tomada de decisão

(voluntária ou involuntária); a organização social e política (medidas de apoio); as causas (económicas ou não) e, por fim, os objetivos sendo estes conservadores ou inovadores. Uma migração conservadora ocorre quando o indivíduo se movimenta de um sítio para outro e pretende manter a sua forma de viver a vida, enquanto a migração inovadora significa conseguir uma nova forma de vida (i.e. novas atividades, novo exercício profissional).

Com base nas várias definições e critérios de classificação para o termo migração, King (2012), à luz da definição de migração como um fenómeno espacial-temporal, estruturou uma tipologia migratória em dimensões para se compreender a complexidade do fenómeno. Nesta tipologia são apresentados os vários aspetos como a distância, podendo esta ser definida entre intercontinental (migração entre continentes, distância maiores); intercontinental no mesmo continente, mas entre regiões distintas; interna/inter-regional (dentro de um país, mas diferentes regiões) e local (na mesma cidade, região). Outro aspeto apresentado é definido como o tempo que se relaciona com a duração, podendo ser permanente, temporária ou de circulação (sazonal ou migração de ida e volta).

King (2012), considera também a fase no ciclo de vida nesta tipologia, bem como o aspeto relacionado com a geografia, ou seja, o facto de a migração poder ser rural-urbano e vice-versa, rural-rural, interurbano (entre cidades) e intraurbano (na mesma cidade).

De acordo com o mesmo autor, o *timing* também é considerado nesta tipologia podendo a migração ser classificada como primeira migração, migração de retorno (migração de retorno ao local de origem após algum tempo), migração repetida, migração em cadeia (sequência de migrações dentro de uma mesma rede de pessoas como uma comunidade) ou transnacionalização, isto é, não implica uma rutura total com o local de origem). Por fim, também a família e o género são considerados, isto é, como o indivíduo ser masculino/feminino, associado a uma família e aos fatores domésticos que advêm ou em grupo ou migração em massa.

2.2 Migração: teorias e motivações

Ao longo do tempo, surgiram várias propostas para explicar os movimentos migratórios. Estas teorias foram enfatizando aspetos diferentes como a motivação económica, a motivação pela influência da rede familiar e de amigos e a motivação pela atratividade dos destinos.

As motivações para a migração podem ser explicadas de acordo com a teoria neoclássica, uma teoria que explica os motivos para a migração como uma motivação económica (Arango, 2000; Spaan & Zoomers, 2008). Esta teoria explica o impacto do trabalho da migração no desenvolvimento económico e a causa para a migração deve-se ao desequilíbrio entre a oferta e a procura no emprego. Em regiões em que a oferta existe, mas o trabalho tem remuneração e produtividade baixas, os trabalhadores tendem a migrar (Massey et al., 1993). Estes indivíduos podem ser enquadrados na

classificação de King (2012), anteriormente apresentada, nomeadamente no aspeto geográfico em que classifica estes migrantes com deslocações rurais-urbanos e vice-versa, na procura melhores condições de vida.

Para Harrys e Todaro (1970), a ideia implícita desta teoria é a de que as eliminações de diferenças salariais acabam com os movimentos laborais e a migração vai atingindo um mínimo. Os autores enfatizam que a decisão de migração é fortemente influenciada pelas oportunidades de emprego disponíveis para o migrante numa fase inicial e nas expetativas salariais.

Faist (2013) salienta a ligação entre migração e desigualdade social, reconhecendo as desigualdades económicas e sociais como forças que impulsionam os fluxos migratórios. O autor sustenta que a migração deve ser entendida como uma interdependência global em que o movimento de indivíduos e grupos é uma resposta às mudanças estruturais do mercado de trabalho e nas políticas nacionais.

Partindo do pressuposto da teoria neoclássica em que as oportunidades de emprego e as expetativas salariais são fatores decisivos e de motivação na migração, também podem contribuir para a competição pelos empregos existentes no país destino (Brown & Lauder, 2006) e o local de origem pode ficar deficitário em relação ao trabalho e à sua qualidade, contrariamente ao que se verifica no destino em que a produção aumenta. No entanto, também pode ocorrer o inverso, em que na origem se verifica mais aspetos positivos como a redução da pressão populacional e aumento do emprego e no destino a pressão populacional aumenta e as oportunidades de emprego diminuem (Raj, 1981).

Stark (1991) introduz a teoria da nova economia da migração laboral que, além de apresentar os motivos de migração como uma motivação económica, também considera o indivíduo. É uma teoria que desafia a teoria neoclássica, uma vez que defende que a decisão de migrar não é meramente individual, mas sim coletiva com as famílias em que o objetivo também é avaliar o risco no contexto de mercado de trabalho. Massey et al. (1993) contribuem para esta teoria argumentando que a família pode ser obrigada a auferir rendimentos para minimizar os riscos da insegurança no emprego. Assim, esta teoria realça as condições estruturais do indivíduo e não apenas do mercado de trabalho como a teoria neoclássica.

A teoria sobre a migração *network* pode ser entendida à luz dos pressupostos sobre a teoria da nova economia, uma vez que argumenta que a influência das redes familiares ou a influência das relações do indivíduo podem ter um papel na migração (Arango, 2000). A migração *network* é definida pelo autor como um conjunto de relações interpessoais entre os migrantes e os seus familiares e amigos que transmitem informações, providenciam um *backup* financeiro e facilitam as oportunidades de empregabilidade em diversas formas. Estas relações diminuem os custos e os riscos e aumentam os retornos da migração (Massey et al., 1993). Para Vertovec (2002), as relações

interpessoais influenciam os migrantes na escolha do destino e garantem o acesso a emprego no exterior.

No seguimento da teoria sobre a influência das redes interpessoais, surge a teoria da causalidade cumulativa, desenvolvida por Goldring e Durand em 1994, que descreve como o número de migrantes aumenta ao longo do tempo, dado que o próprio migrante providencia capital social à sua rede próxima e encoraja-os na procura de empregos mais facilmente, minimizando o risco no destino (Jennissen, 2004).

Existe ainda uma teoria que aborda a atratividade dos destinos denominada como a teoria da dualidade do mercado de trabalho. A teoria aborda a atratividade dos destinos e não vê a migração como uma consequência das decisões tomadas pelo indivíduo, mas como um resultado intrínseco na procura de mercado de trabalho em sociedades industrializadas (Massey et al., 1993). A migração ocorre não devido aos fatores *pull* nos locais de origem (ou local de residência atual), mas devido aos fatores *pull* do destino. Os primeiros são baixos salários e baixa empregabilidade e os segundos são necessidades essenciais a serem preenchidas nos destinos. Esta teoria diz que a procura por trabalhadores migrantes é criada pelas necessidades estruturais da economia e não pelas diferenças de rendimentos ou desejos das famílias.

O termo “migração” ainda que não tenha uma definição geral aceite pela maioria, consiste na procura e ambição da concretização dos fatores individuais e dos fatores na atratividade do destino. Neste sentido, é necessário um conhecimento do país destino que a globalização tecnológica oferece através da *internet*, televisão e outras fontes de informação (Stanojoska & Petrevski, 2012). Este conhecimento deve ser completo e pormenorizado o melhor possível, para não correrem riscos de segurança e principalmente económicos (Laub, 2016; Tsegay, 2022).

A problemática da teoria da atratividade dos destinos é explicada pela teoria institucional que defende o papel de muitas instituições e organizações em adaptarem-se para capitalizar o equilíbrio entre os empregadores do destino que recebe os migrantes e o potencial laboral dos migrantes da origem (Massey et al., 1993). De acordo com a teoria institucional, existe uma diferença considerável entre o número de indivíduos que procuram oportunidades de emprego e o número de Visas disponíveis no destino (Massey et al., 1993).

Como resultado, surgiram muitas organizações sem fins lucrativos que dão ênfase ao lado mais humano dos migrantes e tornam-se fulcrais no aconselhamento e apoio a estes, enquanto as organizações com fins lucrativos facilitam as questões legais (Cusumano, 2019).

Nem todas as teorias são somente sobre a motivação económica, excluindo a influência das redes interpessoais do indivíduo e vice-versa ou sobre a atratividade dos destinos. Segundo Haas (2010), a teoria do sistema migratório afirma que a migração contribui para mudanças a nível económico, social

e cultural quer na origem quer no destino. Esta teoria diferencia níveis na ligação entre os locais e o processo de migração, sendo que o micro inclui os laços familiares e as amizades e o macro focam-se na economia, nos sistemas políticos, nas leis da migração e nos sistemas culturais e sociais, enfatizando uma relação mútua entre a migração e o desenvolvimento. Zemblylas (2012) defende que além do desenvolvimento económico, a migração também apoia o desenvolvimento social.

2.3 O papel da migração em diferentes contextos

Zelinsky (1971) interpretou a migração como um fenómeno cultural e dinâmico, resultante da conceção global de uma sociedade que integra comportamentos sociais, demográficos e económicos. De acordo com o autor, a migração é um fenómeno que deve ser lido à luz da complexidade e dinâmica das sociedades e respetivas mudanças/evolução, podendo dar resposta a diversos contextos.

Partindo do argumento de que a migração surge como resposta para permitir a adaptação ao contexto, Demko e Schnell (1970) afirmam que a migração constitui uma rede importante para a partilha de informações sobre as mudanças sociais e económicas, podendo considerar-se como uma resposta que permite uma adaptação humana aos problemas económicos, sociais e ambientais. Este argumento também é defendido por Castles et al., (2020) que afirma que as redes sociais e os laços transnacionais facilitam e perpetuam os fluxos migratórios, tornando-os parte de um processo de adaptação social.

Neste sentido, surge a migração como resposta à adaptabilidade de indivíduos e grupos por Sassen (2014), em que a migração é uma forma de adaptação em que o indivíduo procura melhorar as suas condições de vida num contexto de desigualdade crescente. O autor diz que o sistema económico é o impulsionador que leva as pessoas a migrar, não apenas por necessidade, mas como forma de estratégia de adaptação às pressões económicas e sociais como a falta de emprego e os efeitos da globalização, isto é, quando surgem as motivações económicas e do mercado de trabalho anteriormente apresentadas, a migração torna-se uma resposta estratégica à problemática sobre estas pressões.

A migração como resposta às dinâmicas e mudanças na sociedade é uma abordagem defendida por Pieterse (2017) em que a globalização, a desigualdade económica e a crescente urbanização criaram dinâmicas que moldam os fluxos migratórios. O autor argumenta que a migração reflete mudanças estruturais na sociedade e na economia, como a transformação das economias rurais em urbanas, o declínio de emprego em algumas regiões e as crises políticas e ambientais. Desta forma, a migração é entendida como um reflexo e uma resposta às pressões geradas por estas dinâmicas.

Segundo o autor Pieterse (2017), a globalização intensifica a migração ao criar desigualdades e interligar as economias, mas alerta para o papel das políticas migratórias restritivas que podem limitar

esses movimentos. Em oposição, Castles et al., (2020) argumenta que a migração não é impulsionada apenas pela globalização, mas também por fatores como o desenvolvimento económico e as redes transnacionais, podendo a globalização facilitar a migração e não a impulsionar.

2.4 Nomadismo digital

Como resultado dos processos de globalização e de digitalização - bem como conexão instantânea à *internet* (Lee et al., 2019) - e com o aumento da ambição por escolhas de estilos de vida individuais, surgiram novos tipos de estilos de vida e mobilidade (Cohen et al., 2015; Hannonen, 2021), até então não considerados, com novas características e motivações (Koser, 2016), associados ao fenómeno de nomadismo digital.

O nomadismo digital é um fenómeno sobre os indivíduos que trabalham remotamente com a liberdade para viajar com regularidade e os nómadas digitais têm flexibilidade para trabalhar em diferentes fusos horários e em diferentes localizações onde exista o acesso a *internet* (Aroles & Bonneau, 2021).

A definição de nomadismo digital tem sido alvo de um longo debate (Gray, 2020; Hannonen, 2020) e, quando o termo foi introduzido, os autores Makimoto e Manners (1999) caracterizaram os nómadas digitais como indivíduos que vivem um *lifestyle* contínuo de viajar e trabalhar remotamente com recurso às tecnologias. Contudo, foi a pandemia COVID-19 que também impulsionou este fenómeno uma vez que muitas entidades empregadoras se viram obrigadas a adaptar-se para o trabalho remoto e, muitas empresas, continuaram neste regime pós-pandemia (Tokarchuck et al., 2021).

Muller (2016) afirma que o nomadismo digital está presente em gerações mais recentes, com disponibilidade para acomodar flexibilidade geográfica, estando presente em *freelancers*, novos empreendedores e trabalhadores independentes que trabalham *online*. Um nómada digital caracteriza-se como o indivíduo em que o seu trabalho não depende da existência de um escritório físico e pode decidir livremente quando e onde trabalhar. Ainda de acordo com este autor, um nómada digital pode trabalhar a partir de qualquer sítio desde que tenha as tecnologias necessárias para tal com um bom acesso a *internet*.

Cook (2020) acrescenta ainda à definição de Muller (2016) que os nómadas digitais rejeitam a estrutura tradicional de um trabalho como, por exemplo, o horário das 9h às 17h, e valorizam a autonomia, flexibilidade e a possibilidade de viajar e trabalhar onde eles quiserem.

A discussão surge quando é necessário distinguir-se um nómada digital de outros tipos de viajantes e trabalhadores, tornando-se particularmente relevante uma vez que há classificações semelhantes nomeadamente “trabalhador remoto”, *freelancer*, *backpaker* e *flashbacker* (Cook, 2020).

Neste sentido, Richards (2015) categorizou três tipos de nomadismo baseando-se na mobilidade, nas dinâmicas e relações entre mobilidade e diferentes tipos de nômadas: *backpacker*, *flashpacker*/nômada digital e nômada global. O primeiro tipo interage e depende de outros viajantes; o segundo está mais relacionado com o ambiente digital porque o seu objetivo é ter um ambiente de trabalho eficaz e, o terceiro tipo, os nômadas globais, são os que mais envolvidos estão com as comunidades locais e permanecem mais tempo no mesmo sítio, tendo como objetivo principal serem o mais livres possível, de forma a evitar o sistema.

Mais tarde, em 2018, Reichnberger categorizou os nômadas digitais em três níveis. O primeiro nível caracteriza-se por trabalhadores com flexibilidade, mas sem uma componente intensiva de viajar; o segundo nível caracteriza-se pelos indivíduos que mantêm uma residência permanente, mas viajam com frequência; o terceiro nível e último, caracteriza-se por aqueles que, por escolha, conceituam a sua mobilidade e viajar como um estilo de vida, sem uma residência permanente.

Para os autores Chevtaeva e Denizci-Guillet (2021), a componente de viajar é a característica que define um nômada digital e, por isso, não concordam com a caracterização do nível um apresentado na classificação de Reichnberger (2018).

A liberdade para se realocarem a longo prazo que depende dos interesses individuais, facilidade de mobilidade e das características do destino, é uma outra característica dos nômadas digitais (Jang & Cai, 2002; Lhakard, 2022; Yousefi & Marzuki, 2015). A duração estimada para a permanência nos nômadas digitais num local é de uma semana a um ano, contudo alguns países como a Costa Rica, Portugal e Tailândia têm visas específicos para viajantes de longa duração que podem ir de 1 ano a 20 anos (Johnson, 2022).

Também o *lifestyle* e a autorrealização são característicos destes indivíduos, pois aproveitam para conhecer novas culturas, atrações e interesses. Hart (2015) definiu como a procura de uma alternativa, individualismo e autodeterminação, sendo este um fator *push* que corresponde às necessidades intrínsecas do indivíduo (Orel, 2019). Apesar desta sensação de liberdade, ainda existe um paradoxo associado, pois existe liberdade na escolha do local de trabalho, mas também um certo nível de disciplina na rotina do trabalho e nos tempos livres. Em alguns casos, a escolha do destino é facilitada pela existência de nômadas digitais ou expatriados para combater estes desafios.

Muller (2016), caracterizou os nômadas digitais como *freelancers* ou empreendedores e Reichnburger (2018), através dos seus estudos, ainda identificou um participante que não se enquadrava com nenhum dos dois tipos, mas sim como trabalhador remoto. Apesar destes autores não definirem os termos, caracterizam um empreendedor como um empresário.

Cook (2023) foi autor de um modelo que categoriza os tipos de viajantes, baseando-se em dois níveis, a mobilidade e o foco do trabalho e explica que os nômadas digitais têm muita mobilidade,

ficando apenas algumas semanas no mesmo local enquanto são muito focados no trabalho, ao contrário dos tradicionais turistas. O autor enfatiza os limites entre a relação entre trabalho e lazer e a procura pela liberdade, visto que todos os nômadas digitais são trabalhadores com uma localização independente ou trabalhadores remotos, porém nem todos os que têm uma localização independente ou trabalhadores remotos são nômadas digitais.

O mesmo autor distinguiu empreendedores de indivíduos que aspiram ser empreendedores e surgiram cinco tipos de nômadas digitais: *freelancer*, empresário, assalariado, experimental e *armchair*. Segundo esta tipologia, o *freelancer* é o indivíduo com conhecimentos e que trabalha por conta própria enquanto viaja (até 2020, era considerado o tipo mais tradicional). O *freelancer* irá prevalecer entre a comunidade nômada digital, caracterizando-se pela autodeterminação, o controle sobre o modo, o tipo de trabalho que têm e a localização. O autor afirma que o equilíbrio trabalho-vida é uma característica dos *freelancers* pois têm maior controle sobre a frequência do seu trabalho quando comparados com o segundo tipo, empresários ou até mesmo os assalariados.

O empresário possui um negócio registrado mais complexo do que o primeiro tipo. Detém contratos, trabalhadores e um inventário de produtos, sendo necessário existir um sistema de negócio e uma(s) infraestrutura(s) para o negócio prosperar (Cook, 2023). Ainda que exista esta distinção entre os primeiros tipos, alguns autores afirmam que muitos nômadas digitais *freelancer*, consideram-se também empresários, ainda que ofereçam as suas *skills* a outros clientes.

Segundo o autor, o terceiro tipo, os assalariados, são os indivíduos vinculados a uma entidade empregadora, tendo, portanto, um contrato de trabalho e um salário. Por fim, o experimental é um indivíduo aspirante a nômada digital *freelancer* ou empresário, não tendo uma recompensa monetária. São indivíduos que experimentam o *lifestyle* de um nômada digital, não tendo uma recompensa monetária e, por isso, estão associados a espaços de *coworking* e conferências e cursos para adquirir novas capacidades.

Enquanto o tipo experimental pode viajar sem um retorno financeiro em troca, o tipo *armchair* é precisamente o contrário. São aqueles indivíduos que pretendem tornar-se nômadas digitais dentro de três anos e que, atualmente, podem ter algum retorno financeiro pelo seu trabalho, mas como não têm a componente de viajar, não são considerados nômadas digitais ativos (Cook, 2023).

No âmbito do presente trabalho, uma vez que estes dois últimos tipos não representam a definição de um nômada digital como um nômada digital ativo, não foram considerados para a classificação.

As diferentes definições e classificações apresentadas tornam possível a identificação de fatores motivacionais (i.e., fatores *push*; e.g., enriquecimento cultural, concretização de um sonho, alcance de felicidade) e de atração no destino (i.e., fatores *pull*; e.g., vantagens fiscais, gastronomia, clima)

que ajudam a explicar as mudanças de destino nesta população. Contudo, parece não existir ainda sistematizado um sistema de classificação para todos estes fatores.

2.5 Nomadismo digital e a teoria dos fatores *push-pull*

Embora a ideia de nomadismo digital cumpra alguns dos elementos identificados para definir os movimentos migratórios, como a deslocação de um sítio para outro, as motivações intrínsecas do indivíduo e as características do destino, as teorias existentes sobre a migração não são capazes de se aplicar ao contexto do nomadismo digital. Estamos perante um contexto tecnológico novo e, sobretudo, estamos a falar de uma facilidade muito grande de movimentação em que os indivíduos vão de um país para o outro, não propriamente pelas motivações económicas e do mercado de trabalho apresentadas nas teorias clássicas sobre a migração, pois o indivíduo pode estar num país e estar a trabalhar para outro (Dreher & Triandafyllidou, 2023).

As teorias clássicas da migração podem não ser as mais adequadas e não foram desenhadas para este tipo de contexto porque oferecem ao tema uma capacidade limitada para explicar estas transições, parecendo não existirem teorias específicas para o fenómeno de nomadismo digital. Desta forma, poderá fazer sentido adotar uma teoria que tem vindo a ser utilizada num contexto diferente, o contexto do turismo, mas que assenta na importância das motivações do indivíduo e nas características atrativas do local de destino: a teoria *push-pull*.

Tal como acontece no caso do turismo, a motivação dos nómadas digitais pode ser genericamente explicada pela teoria dos fatores *push-pull*. Os fatores *push* são fatores que podem ser descritos como necessidades psicológicas e intrínsecas de um indivíduo que o leva a viajar enquanto os fatores *pull* constituem qualidades externas e físicas de um destino que os atrai para lá (Han et al., 2020; Yousefi & Marzuki, 2015).

De acordo com a definição anterior de fatores *push*, alguns destes podem ser a solidão, o aborrecimento pela rotina e o desejo de escaparem desta e a repetição constante da estrutura de trabalho das 9h às 17h (Mouratidis, 2018), tranquilidade e relaxamento, aventura, a natureza (Alghamdi, 2007).

Em relação aos fatores *pull*, os fatores identificados por Lhakard (2022) e Postma e Schmuecker (2017), são a cultura, as infraestruturas físicas e tecnológicas, burocracias como visas e impostos, o custo de vida, a segurança e ainda a atitude da comunidade relativamente a “visitas”.

Para Lhakard (2022), uma vez que os *pull* são fatores relacionados com a atratividade no destino, categorizou-os em quatro dimensões. A primeira dimensão é a dimensão social e inclui fatores como a segurança, o acesso aos serviços de saúde, a comunicação, o grau de escolaridade das pessoas, a reduzida taxa de crime a proteção dos direitos humanos; a segunda dimensão o autor denomina como

capital cultural e inclui a cultura local e as tradições; a terceira dimensão é a dimensão ambiental e inclui os recursos naturais e turísticos, as atrações, o clima, a poluição e os espaços públicos; por fim, a quarta dimensão é a gestão da cidade que se refere à honestidade das autoridades, à transparência das atividades e políticas e o compromisso da comunidade.

As questões culturais são o fator mais comum na escolha de um destino pelos nômadas digitais (Han et al., 2020), mas para além das atrações turísticas, também procuram outras características como a qualidade de vida. Também a autenticidade do destino tem sido cada vez mais um fator, porque da mesma forma que os turistas procuram viajar pela autenticidade do destino, também os nômadas digitais procuram (Khanom et al., 2019). Ehn et al., (2022) afirma que as oportunidades de lazer, o clima, a diversidade cultural e o custo de vida determinam a escolha do destino pelo nômada digital.

Tendo em conta os fatores *push* apresentados, estes podem ser categorizados em quatro tipos de motivação, de acordo com Mathieson e Wall (1982). O primeiro tipo é a motivação física, isto é “*refreshing*” do corpo e alma, saúde, exercício físico, diversão, entretenimento e compras; o segundo é a motivação cultural como a curiosidade sobre outros países, comunidades, cultura (arte, arquitetura, festivais culturais); o terceiro tipo é a motivação pessoal como visitar amigos e família, conhecer novas pessoas, felicidade por viajar e espiritualidade e, por fim, a motivação de prestígio e *status* que pode ser *hobbies*, contratos de trabalho de negócios e objetivos profissionais, conferências e reuniões, uma questão de ego e de estilo, por exemplo.

Everett Lee (1966), para além destes fatores *push-pull*, considerou ainda os fatores intervenientes, quer no país de origem quer no país destino, que impelem ou previnem os fluxos migratórios, nomeadamente as leis migratórias, as fronteiras políticas, os custos de viagem, as barreiras físicas e a distância. Também considera fatores individuais como a idade, o género, classe social, educação e a capacidade de adaptação a novos contextos do indivíduo.

Como descrito pelos autores Chandna (1998), Newman (1984) e Weeks (1989) é possível classificar o tipo de deslocação em função da distância. Não existindo ainda muito trabalho desenvolvido sobre o tipo de deslocações dos nômadas, considerou-se pertinente analisar se o tipo de nômada digital e os motivadores associados à deslocação diferem em função do tipo de trajetória.

Desta forma, tendo em conta quer as conceções mais clássicas sobre a migração, quer as conceções sobre o nomadismo digital, esta tese, de natureza exploratória, propõe-se a explorar os perfis de nômadas digitais, considerando o tipo e os fatores *push-pull* para aqueles que têm deslocações mais curtas e para aqueles que têm deslocações mais longas.

CAPÍTULO 3

Método

Em seguida, é apresentado o método, sendo descrito o procedimento, caracterizada a amostra, apresentadas as medidas e a estratégia de análise de dados.

3.1 Procedimento

Para a investigação, recorreu-se a uma metodologia quantitativa, nomeadamente a aplicação de um questionário de natureza fechada, construído com recurso ao *software Qualtrics*. Foi realizado um pré-teste para avaliar a compreensão dos itens e, depois de terem sido feitos ajustes, o questionário foi partilhado nas redes sociais *LinkedIn* e *Instagram* e em grupos específicos no *Facebook* como os grupos “*Digital Nomads*”, “*Freelancers & Digital Nomads in Portugal: A Vlancer PT Community*” e “*Mundo Nómadas Digitais*”. O questionário esteve disponível de novembro de 2023 até março de 2024.

O tempo médio de resposta ao questionário foi de 6 minutos.

3.2 Participantes

Para validar o perfil do participante foi apresentada uma definição de nómada digital (“Um nómada digital é alguém que utiliza a tecnologia para trabalhar remotamente e tem um *lifestyle* associado a localização independente, viaja frequentemente, vivendo em diferentes locais enquanto mantém a sua carreira ou negócio”). Os participantes que se identificaram como nómadas digitais de acordo com a afirmação, prosseguiram no questionário.

Com este procedimento, conseguiram-se 210 respostas, das quais 123 foram removidas por *missing values* ou por demonstrarem baixa qualidade nas respostas (incompletas ou inconsistentes), conduzindo a uma amostra final de 87 respondentes.

A amostra é maioritariamente feminina (54%) e apenas um respondente selecionou a opção “Outro” na categoria do género. Compreende indivíduos desde os 21 aos 60 anos ($M = 33.64$ $DP = 8.32$). A amostra apresenta 81.6% dos participantes com idades inferiores a 40 anos.

A maioria dos indivíduos indicou ser solteiro (54%), e 41.4% mencionaram ser casados. Os indivíduos divorciados/separados são três e viúvos apenas um, correspondendo a 3.4% e 1.1% respetivamente. Relativamente ao número de filhos dependentes, 87.4% da amostra não tem qualquer filho, correspondendo a 76 indivíduos; seis indivíduos com um filho, três indivíduos com dois filhos e apenas dois indivíduos com três filhos ou mais.

Os participantes também foram distribuídos num conjunto de níveis de escolaridade, desde nenhuma educação formal até ao Doutoramento. Dos 87 indivíduos, 45 possuem uma licenciatura, correspondendo a 51.7% da amostra, 23 indivíduos que possuem um mestrado (26.4% da amostra). Os restantes níveis estão distribuídos proporcionalmente, sendo que apenas um indivíduo não possui nenhum tipo de educação.

Uma vez que se pretendeu analisar os fluxos migratórios dos nómadas digitais, também interessou averiguar desde que ano se tornaram nómadas digitais, sendo que o mínimo é desde o ano 2016 e o máximo verificado foi 2023.

A distribuição foi progressiva, iniciando em 2016 apenas com uma pessoa e em 2017 com 5, aumentando para 13 indivíduos em 2020 (14.9%) em 2022 tornaram-se nómadas digitais 26 indivíduos, correspondendo a uma percentagem de 29.9%.

3.3 Medidas

Para identificação dos fatores *push*, utilizou-se uma escala que agregou itens dos autores Mouratidis (2018), Alghamdi (2007) e Mathieson e Wall (1982), totalizando 10 itens para identificar os motivos individuais para escolher o destino: “Eu quero ver novos sítios; eu quero conhecer novas culturas; eu quero descobrir novos *lifestyles*; eu quero promover o meu enriquecimento intelectual; eu quero escapar da rotina diária; eu quero relaxar fisicamente; eu quero experienciar aventuras; eu quero alcançar um sonho e curiosidade; eu quero ser feliz; eu quero visitar um destino que a maioria das pessoas valoriza”.

Relativamente aos fatores *pull*, utilizou-se uma escala que agregou itens com base no trabalho dos autores Mathieson e Wall (1982), Lhakard (2022), Postma e Schmuecker (2017), Han et al., (2020), Khanom et al., (2019), totalizando 18 itens para identificar as características do destino na seleção do destino: “Hospitalidade; língua/facilidade de comunicação; infraestrutura/condições tecnológicas; acesso a cuidados de saúde; condições sanitárias; gastronomia; vida noturna; clima/meteorologia; natureza e paisagens; praia/costa; desporto; diversidade cultural; qualidade de vida; acessibilidade económica; ambiente social; segurança e proteção; rede de transportes e vantagens fiscais”.

Os fatores *pull* tiveram como referencial dois momentos diferentes, o presente e o futuro, de forma a identificar e comparar as características de um destino e a intenção de movimentação para outro.

Ambos os fatores apresentam uma escala de resposta tipo *Likert* de 6 pontos em que 1 significa que discorda totalmente e o 6 que concorda totalmente.

O tipo de nómada digital foi medido de acordo com a classificação de Cook (2023), tendo sido solicitado aos participantes que identificassem o tipo que melhor correspondesse ao seu perfil: *freelancer*, indivíduos que têm controlo sobre o seu modo de empregabilidade; empresários, gerem negócios mais complexos com contratos de trabalho, empregados ou infraestruturas; assalariados, indivíduos vinculados a uma entidade patronal com um salário e contrato de trabalho.

Por forma a determinar o tipo de deslocação, identificou-se o percurso de cada participante e o mesmo foi classificado em uma de três categorias: intercontinental, inter-regional ou intra-país, de acordo com a tipologia migratória de King (2012). A categoria intercontinental inclui os casos em que a deslocação envolveu mais do que um continente (e.g., Espanha – Costa Rica – Indonésia - Espanha), a categoria inter-regional diz respeito aos casos em que houve deslocação próxima entre países ou no próprio continente (e.g., Áustria – Irlanda - Roménia – Inglaterra) e a categoria intra-país que correspondem os casos de deslocação dentro de um só país (e.g., Ribeirão Preto – São Paulo – Ribeirão Preto).

Foram recolhidas variáveis sociodemográficas para fins descritivos da amostra, nomeadamente a idade, género (masculino, feminino, outro), nacionalidade, estado civil (solteiro; casado/união de facto; divorciado/separado ou viúvo(a)), número de filhos entre nenhum ou 4 ou mais, nível de educação (nenhuma educação formal; educação primária/1º ciclo; educação básica e secundária/ 2º e 3º ciclo; formação vocacionada/técnica; frequência de uma faculdade ou universidade sem grau académico; licenciatura; mestrado ou doutoramento) e, por fim, a indústria ou setor em que trabalha.

3.4 Estratégia de análise de dados

Para a determinação dos perfis dos nómadas em função do tipo de deslocação, optou-se pela realização de uma análise de correspondências múltiplas. Este tipo de análise caracteriza-se por ser uma técnica exploratória de dados multivariados (Greenacre, 2017) que tem uma boa aplicabilidade em pesquisas que conjugam uma abordagem estrutural baseada em variáveis categóricas multidimensionais (Carvalho, 2008). A ACM é a mais apropriada para pesquisas exploratórias, pois possui uma relativa liberdade nos pressupostos (Hair et al., 2014). Através da interpretação gráfica, possibilita a visualização das possíveis associações de características ou atitudes dos indivíduos, mostrado, por exemplo, como certos comportamentos estão associados a uma determinada classe populacional. A análise dos dados é precedida pela análise da qualidade psicométrica das medidas usadas, nomeadamente os fatores *push* e *pull*. Nesse sentido, os construtos foram submetidos a uma análise de componentes principais para extração de possíveis dimensões latentes. Para a condução e interpretação desta análise foram seguidas as indicações de Bryman (2016), sendo, então necessário garantir um KMO superior a .500, um nível aceitável para as comunalidades (i.e., .500), o teste de

Bartlett. A fiabilidade das medidas é assegurada pelo *alpha* de *Cronbach*, que deve ser superior a .7. No caso dos fatores *pull*, uma vez que se procurou incluir na análise a avaliação relativamente à localização atual bem como à localização futura, foi feita uma integração da análise dos dois modelos de análise de componentes principais para que fosse extraída uma solução comum.

Tendo por objetivo a identificação de perfis em função do tipo de deslocação, optou-se por realizar a análise de correspondências múltiplas para cada um dos grupos de deslocação. Após uma análise de frequências, verificou-se uma distribuição heterogénea dos participantes pelas três categorias (Tabela 1). Assim, optou-se por agregar as categorias inter-regional e intra-país, passando a existir apenas duas categorias, dizendo respeito a maior (intercontinental, n=53) ou menor (inter-regional + intra-país, n=34) distância.

Tabela 1. Tipo de deslocação da amostra

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem Acumulada
Intercontinental	53	60.9	60.9	60.9
Inter-regional	22	25.3	25.3	86.2
Intra-país	12	13.8	13.8	100
Total	87	100.0	100.0	

3.5 Identificação das componentes para análise e indicadores de fiabilidade

A Análise de Componentes Principais (PCA) é uma técnica de análise exploratória de dados multivariados que transforma um conjunto de variáveis correlacionadas num conjunto menor de variáveis independentes e simplifica os dados através da redução do número de variáveis necessárias para os descrever, que são combinações lineares das variáveis originais, designadas por componentes principais (Moroco, 2003; Pestana & Gageiro, 2014).

A análise de componentes principais aos fatores *push* sugere uma solução válida de dois fatores (KMO=.870, *Barlett* $\chi^2(36)=371$, $p<.001$) que explica 64.4% da variância. As comunalidades encontradas são superiores a 0.500, com duas exceções que apresentam valores de .461 e .475. As dimensões encontradas foram classificadas em Aventura e Fuga com propósito. A Tabela 2 apresenta a solução encontrada, através da rotação pelo método *Varimax*, sendo também apresentado o *alpha* para cada dimensão. A fiabilidade das medidas é assegurada pelo *alpha* de *Cronbach*, que deve ser superior a .7. Para a dimensão 1, o *alpha* de *Cronbach* é .864 e para a dimensão 2 é .605. Ainda que para a dimensão 2, o *alpha* seja inferior a .7, decidiu-se manter por ser um estudo de natureza exploratória.

Tabela 2. Análise de componentes principais para os fatores push

	Dimensão	
	Aventura	Fuga com propósito
Eu quero conhecer novas culturas	.864	
Eu quero ver novos lugares	.814	
Eu quero descobrir novos lifestyles	.800	
Eu quero experienciar aventuras	.776	
Eu quero alcançar um sonho e curiosidade	.751	.334
Eu quero ser feliz	.675	
Eu quero visitar um destino que a maioria das pessoas valoriza		.832
Eu quero relaxar fisicamente		.746
Eu quero escapar da rotina	.388	.557

Para a identificação das dimensões associadas aos fatores *pull*, optou-se por realizar a análise de componentes principais aos itens sobre a localização atual e localização futura com o objetivo de conseguir uma interpretação mais clara das motivações e preferências dos nômadas digitais. Posteriormente, foi realizada uma integração da análise dos fatores *pull* na localização atual e na futura para que fosse extraída uma solução comum. Após a identificação das componentes presentes nas dimensões, criou-se variáveis compósitas para os fatores em comum nas duas localizações categorizadas: Natureza, Infraestrutura, Social e Custo.

A solução encontrada tanto para os fatores *pull* do local de origem como de destino, apresentam bons indicadores de qualidade do modelo (local de origem: KMO=.804, *Barlett* X²(153)=749, p<.001; local de destino: KMO=.788, *Barlett* X²(153)=740, p<.001) e explicam 68.1% e 68.9% da variância respetivamente. As comunalidades encontradas são superiores a .500. A Tabela 3 apresenta a solução encontrada, sendo também apresentado o *alpha* para cada dimensão. Para a localização atual, o *alpha* de *Cronbach* foi de .849 para a dimensão natureza e paisagens – clima e tempo – praia e costa – desporto; para a infraestrutura e condições tecnológicas – transportes – segurança e proteção – condições sanitárias foi .798; para a dimensão ambiente social – acessibilidade – diversidade cultural e qualidade de vida foi .809; e, por fim, para a dimensão que engloba as vantagens fiscais – hospitalidade e acessos a cuidados de saúde foi .740.

Relativamente à localização futura, para a dimensão praia e costa – desporto – natureza e paisagens – clima e tempo o *alpha* de *Cronbach* foi .816; para a segunda dimensão segurança e proteção – qualidade de vida – condições sanitárias – transportes – infraestrutura e condições tecnológicas foi .797; a dimensão que inclui as vantagens fiscais – idioma e fácil comunicação – acesso a cuidados de saúde e hospitalidade foi .852 e, por último, a dimensão diversidade cultural – gastronomia – ambiente social e acessibilidade foi .751.

A solução de convergência determinou a eliminação dos itens Qualidade de Vida, Vida Noturna, Gastronomia e Língua/Facilidade de comunicação para a localização atual e localização futura.

Tabela 3. Análise de componentes principais para os fatores pull

	Componente						Componente				
	1	2	3	4	5		1	2	3	4	5
Natureza e paisagens	.839					F_Praia/Costa	.867				
Clima/Tempo	.756					P2_11_Desportos	.753				
Praia/Costa	.680		.309			F_Natureza e paisagens	.699				
P1_11_Desportos	.626		.341			F_Clima/Tempo	.697		.373		
Infraestrutura/Condições tecnológicas	.761			.333		F_Segurança e proteção	.882				
P1_17_Transportes	.683		.426			F_Qualidade de vida	.336	.746			
Segurança e proteção	.464	.637				F_Condições sanitárias	.703		.462		
Condições sanitárias	.623			.474		P2_17_Transportes	.622				
Ambiente social			.682			F_Infraestrutura/Condições tecnológicas	.562	.355	.377		
P1_14_Acessibilidade	.371		.667			F_Vantagens fiscais			.734		.340
Diversidade cultural			.646	.339		F_Idioma/Fácil comunicação	-	-	.732	.424	-
Qualidade de vida	.346	.427	.518			F_Acesso a cuidados de saúde	.499	.672			
P1_7_Vida noturna				.750		P2_1_Hospitalidade	.389	.515			
P1_6_Gastronomia	.355			.654		P2_7_Vida noturna				.689	
Idioma/Fácil comunicação				.620	.325	F_Diversidade cultural	.534			.636	
Vantagens fiscais					.839	P2_6_Gastronomia	-	-	.359	.558	.389
P1_1_Hospitalidade			.452	.663		F_Ambiente social	.442			.542	
Acesso a cuidados de saúde		.473		.368	.533	P2_14_Acessibilidade					.906

CAPÍTULO 4

Resultados

Nesta secção começa-se por fazer uma apresentação dos resultados descritivos, sendo depois reportados os resultados da análise de correspondências múltiplas.

4.1 Estatística descritiva para as diferentes variáveis em análise na Análise de Correspondência Múltiplas

De seguida, apresentamos duas tabelas de frequências (Tabelas 4 e 5) com todas as variáveis envolvidas no estudo.

Tabela 4. Frequência para o tipo de nómada digital e tipo de deslocação

Dimensão	Variável	Contagem	Percentagem válida
Nómada Digital	Empresário	20	23%
	<i>Freelancer</i>	36	41.4%
	Assalariado	30	34.5%
	Outro	1	1.1%
Deslocação	Intercontinental	53	60.9%
	Inter-regional	22	25.3%
	Intra-país	12	13.8%

Pela análise da Tabela 4 de estatística descritiva acima apresentada, os *freelancers* são a categoria predominante do tipo de nómada digital (41.4%), seguidos pelos assalariados (34.5%) e empresários (23%). A categoria “Outro” tem uma presença marginal (1.1%).

Em relação à deslocação, as deslocações intercontinentais representam a maioria (60.9%), seguidas pelas deslocações inter-regionais (25.3%) e intra-país (13.8%).

Tabela 5. Frequência para o tipo de nómada digital e tipo de percurso

Dimensão	Variável	Contagem	Percentagem válida
Percurso intercontinental	Empresário	16	30.2%
	<i>Freelancer</i>	22	41.5%
	Assalariado	15	28.3%
Percurso intra-país e inter-regional	Empresário	5	15.1%
	<i>Freelancer</i>	14	42.4%
	Assalariado	15	45.5%

Pela análise da Tabela 5, verifica-se que para percursos intercontinentais, o tipo de nómada digital *freelancer* é o predominante (22 indivíduos) representando 41.5% do total dos indivíduos que têm um percurso intercontinental. De seguida, verifica-se os nómadas que se identificam como empresários com 16 indivíduos (30.2%) com muito pouca diferença para os assalariados com 15 indivíduos (28.3%).

Relativamente ao segundo tipo de percurso que engloba o percurso intra-país e inter-regional, o tipo assalariado mantém-se com 15 indivíduos, mas representando 45.5%, sendo ligeiramente superior ao tipo *freelancer* representa 42.4% (14 indivíduos). Para este tipo de percurso, o tipo empresário contabiliza apenas 5 indivíduos que representam 15.1% do total dos indivíduos que têm um percurso intra-país e inter-regional.

Por forma a fazer uma primeira análise sobre a forma como os tipos de motivação aparecem para os dois tipos de localização, optou-se por fazer uma análise descritiva dividida em três intervalos, sendo que a classificação 1 significa “Discordam totalmente” e 6 significa “Concordam totalmente”. O intervalo de 1 a 2.9 apresenta uma classificação mais baixa de concordância, o intervalo 3 a 4.9 uma classificação intermédia de concordância e o intervalo 5 a 6 tem uma classificação mais elevada de concordância.

Tabela 6. Frequência para os fatores pull

	Dimensão	Intervalo	Contagem	Percentagem válida
Fatores Pull (localização atual)	Natureza	1.0-2.9	7	8.0%
		3.0-4.9	20	23.0%
		5.0-6.0	60	69.0%
	Infraestrutura	1.0-2.9	6	6.9%
		3.0-4.9	40	46.0%
		5.0-6.0	41	47.1%
	Social	1.0-2.9	6	6.9%
		3.0-4.9	32	36.8%
		5.0-6.0	49	56.3%
	Custo	1.0-2.9	4	4.6%
		3.0-4.9	54	62.1%
		5.0-6.0	29	33.3%
Fatores Pull (localização futura)	Natureza	1.0-2.9	1	1.1%
		3.0-4.9	24	27.6%
		5.0-6.0	62	71.3%
	Infraestrutura	1.0-2.9	1	1.1%
		3.0-4.9	39	44.8%
		5.0-6.0	47	54.1%
	Social	1.0-2.9	1	1.1%
		3.0-4.9	20	23.0%
		5.0-6.0	66	75.9%
	Custo	1.0-2.9	7	8.0%
		3.0-4.9	46	52.9%
		5.0-6.0	34	39.1%

Na Tabela 6, para a localização atual, para o intervalo 5.0-6.0, 69.0% dos respondentes indicaram uma concordância elevada enquanto 8.0% consideram o fator da natureza irrelevante (intervalo 1.0-2.9). Para o fator *pull* sobre a infraestrutura, 47.1% demonstram uma concordância elevada sobre a importância deste fator (intervalo 5.0-6.0) e também 46.0%, para o intervalo 3.0-4.9, isto é, consideram este fator essencial, mas não tão determinante como os outros. No fator social, o intervalo 5.0-6.0 representa 56.3% indicando que este fator é um critério importante enquanto 6.9% atribuíram pouca importância a este fator. Por fim, para o fator relacionado com os custos, 62.1% demonstram uma predominância no intervalo médio de concordância e 33.3% demonstram uma concordância elevada deste fator na localização atual.

Em relação à localização futura para o fator natureza, o intervalo 5.0-6.0 representa 71.3% mantendo praticamente o nível de valorização observado na localização atual e 1.1% para o intervalo mais baixo da classificação, resultando numa redução em relação à localização atual. Para o fator *pull* relacionado com a infraestrutura, verifica-se 54.1% para o intervalo 5.0-6.0, um aumento em relação à localização atual e verifica-se 44.8% no intervalo 3.0-4.9. Sobre o fator social na localização futura, 75.9% representam o intervalo 5.0-6.0, um aumento, posicionando este como o fator mais relevante na localização futura. Por fim, o fator custo apresenta, no intervalo 5.0-6.0, 39.1%, um aumento face à localização atual e, para o intervalo 3.0-4.9, 52.9% permanecendo o nível médio como o mais representativo, mas com maior influência em destinos futuros.

Tabela 7. Frequência para os fatores push

	Dimensão	Intervalo	Contagem	Porcentagem válida
Fatores Push	Aventura	1.0-2.9	4	4.6%
		3.0-4.9	16	18.4%
		5.0-6.0	67	77.0%
	Fuga com propósito	1.0-2.9	8	9.2%
		3.0-4.9	48	55.2%
		5.0-6.0	31	35.6%

Na Tabela 7, verifica-se que o fator *push* relacionado com a aventura, apresenta 77.0% dos respondentes no intervalo 5.0-6.0 indicando uma elevada concordância, seguido de 18.4% para o intervalo 3.0-4.9 e 4.6% para o intervalo mais baixo da classificação. Para o fator *push* fuga com propósito, 55.2% indicam este fator como moderadamente relevante (intervalo 3.0-4.9) e 35.6% indicam como um fator bastante relevante e 9.2% como um fator de baixa relevância.

4.2 Análise de correspondências múltiplas

Para a análise de correspondências múltiplas, uma solução com duas dimensões foi considerada adequada. São agora apresentados os resultados para os dois grupos de nómadas com base no tipo de percurso.

4.2.1 Percurso intercontinental

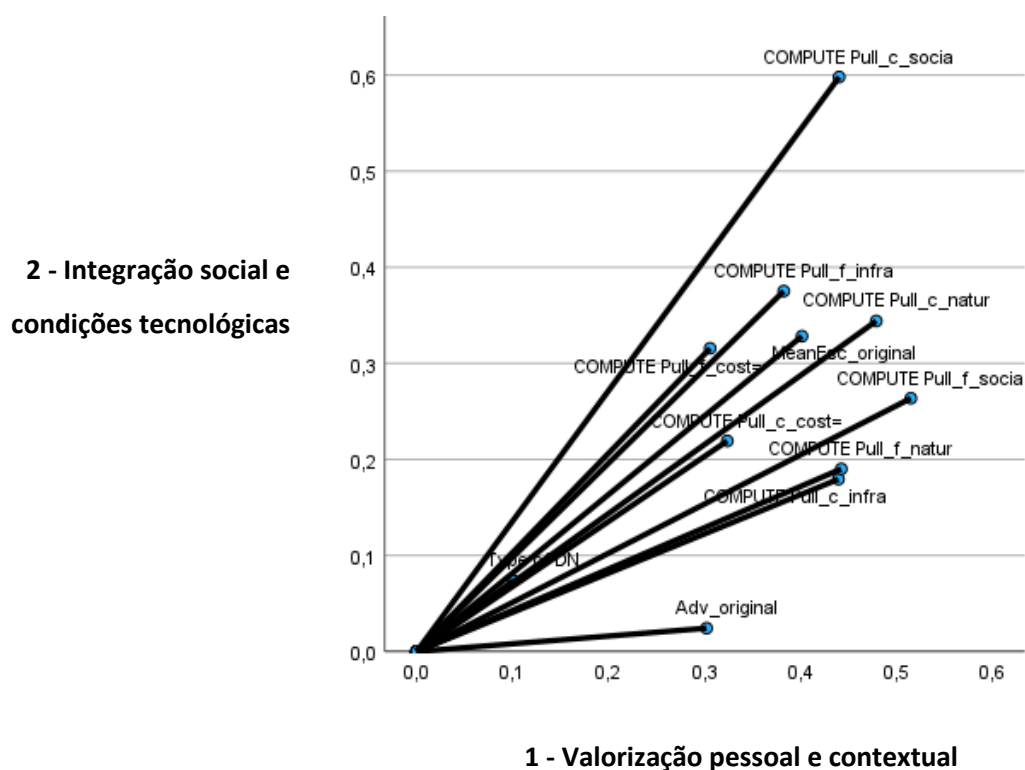
Para o grupo dos nómadas digitais com percurso intercontinental, o *eigenvalue* para a primeira dimensão é de 4.129 e para a segunda é de 2.911, o valor de *inertia* é de .375 e .265. Os valores de *alpha* são .834 e .722 com valor médio de .788. Embora os valores de *alpha* não sejam muito elevados, são aceitáveis para estudos de natureza exploratória (e.g., Bryman, 2016).

As medidas de discriminação são apresentadas na Tabela 8 e na Figura 1.

Tabela 8. Medidas de discriminação – percurso intercontinental

	Dimensão		Média
	1 - Valorização pessoal e contextual	2 - Integração social e condições tecnológicas	
Pull_atual_natureza	0,479	0,344	0,411
Pull_atual_infraestrutura	0,439	0,179	0,309
Pull_atual_social	0,44	0,598	0,519
Pull_atual_custo	0,323	0,219	0,271
Pull_futuro_custo	0,306	0,316	0,311
Pull_futuro_social	0,515	0,264	0,389
Pull_futuro_natureza	0,442	0,19	0,316
Pull_futuro_infraestrutura	0,382	0,375	0,379
Push_aventura	0,302	0,024	0,163
Push_fugacompropósito	0,401	0,328	0,365
Tipo de nómada digital	0,101	0,074	0,087
Total ativo	4,129	2,911	3,52

Figura 1. Medidas de discriminação – percurso intercontinental



Pela análise dos resultados da Tabela 8, para o percurso intercontinental, verifica-se que para a dimensão valorização pessoal e contextual, os fatores *pull* mais elevados são relativamente ao fator social e ao fator sobre a natureza, quer para a localização atual, quer para a localização futura.

O fator social apresenta valores de .44 e .515 para a localização atual e futura, respetivamente, enquanto o fator relacionado com a natureza apresenta valores de .479 na localização atual e .442 na localização futura.

Na dimensão 2, integração social e condições tecnológicas da mesma tabela, para os fatores *pull*, os valores mais elevados são o fator social na localização atual (.598), à semelhança da dimensão 1, e o fator *pull* sobre a infraestrutura da localização futura (.375). Para a dimensão 2, o fator *pull* relacionado com a natureza na localização atual também se destaca como na dimensão 1 com um valor de .344.

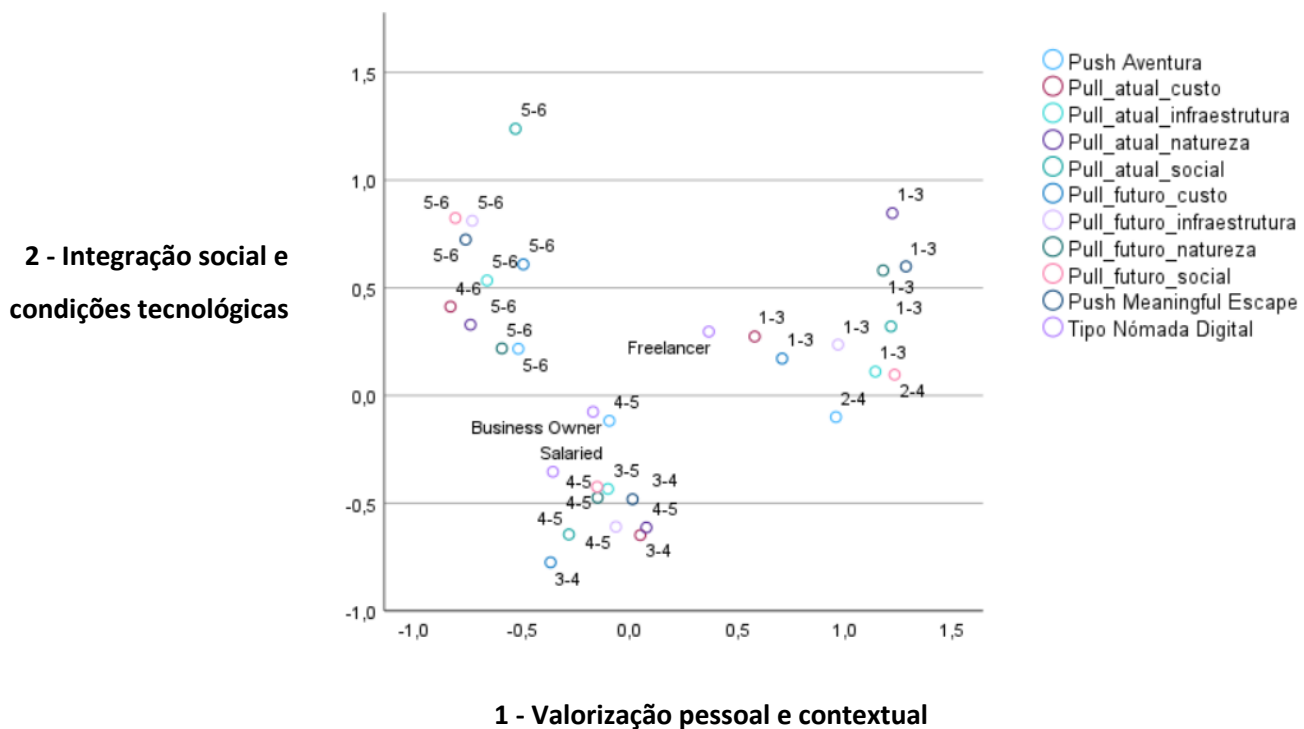
Em suma, através da análise parece que a dimensão 2 não é muito diferenciadora uma vez que mesmo o fator *pull* social, que apresenta o valor mais elevado (.598) na localização atual, também apresenta um valor elevado na dimensão 1 (.44).

Ainda na dimensão 1, verifica-se a predominância de preocupações relativamente ao presente, uma vez que os valores apresentados para os fatores *pull* são superiores na localização atual relativamente à localização futura para os fatores sobre a natureza (.479 face a .442), infraestrutura (.439 face a .382) e custo (.323 face a .306). Contudo, os fatores *pull* social e natureza, da localização futura, indicam valores elevados na dimensão 1 (.515 e .442, respetivamente) significando que estes dois componentes são muito expressivos na dimensão e, simultaneamente, fazem acompanhar-se por uma diferença elevada relativamente à dimensão 2 (.264 e .19, respetivamente), representando assim exclusividade na dimensão 1 e, por isso, características dessa dimensão.

Por último, para este percurso intercontinental, o fator *push* sobre fuga com propósito é o mais presente em ambas as dimensões (para a dimensão 1 é .401 e para a dimensão 2 é .328) em comparação com o fator *push* relacionado com a aventura que tem menos presença em ambas as dimensões (.302 na dimensão 1 e inferior a 0,1 na dimensão 2) estando, ainda assim, está mais presente na dimensão 1.

A Figura 2 apresenta a distribuição das categorias dos nómadas digitais e os fatores *push* e *pull*.

Figura 2. Conjunto de categoria – percurso intercontinental



A Figura 2 representa os diferentes tipos de nómadas digitais (empresário, *freelancer* e assalariados) e as associações com os níveis de variáveis que refletem os fatores relacionados à localização atual. O nível inferior representa valores entre 1 e 2, os valores intermédios são valores entre 3 e 4 e os valores mais elevados são entre 5 e 6.

Os valores mais elevados, entre 5 e 6 estão associados à extremidade positiva da dimensão 2, contudo não se vê nesse grupo a representatividade de um tipo de nómada digital ao contrário dos outros dois grupos possíveis de identificar.

Um grupo associado ao tipo de nómada digital *freelancer*, encontra-se mais presente na dimensão 1 do que na dimensão 2 e representa, maioritariamente, valores baixos (1-3) para os fatores *pull* e valores intermédios (2-4) para os fatores *push*, refletindo pouca valorização dos aspetos relacionados com a valorização pessoal e contextual.

O outro grupo possível de identificar engloba dois tipos de nómadas digitais, o empresário e o assalariado que apresentam valores intermédios (3-4) e valores altos (3-5 e 4-5) quer para os fatores *pull* quer para os fatores *push*. Para este grupo para existir uma maior valorização dos aspetos ligados à valorização pessoal e contextual, ao contrário do grupo dos *freelancers*.

4.2.2 Percursos intra-país e inter-regional

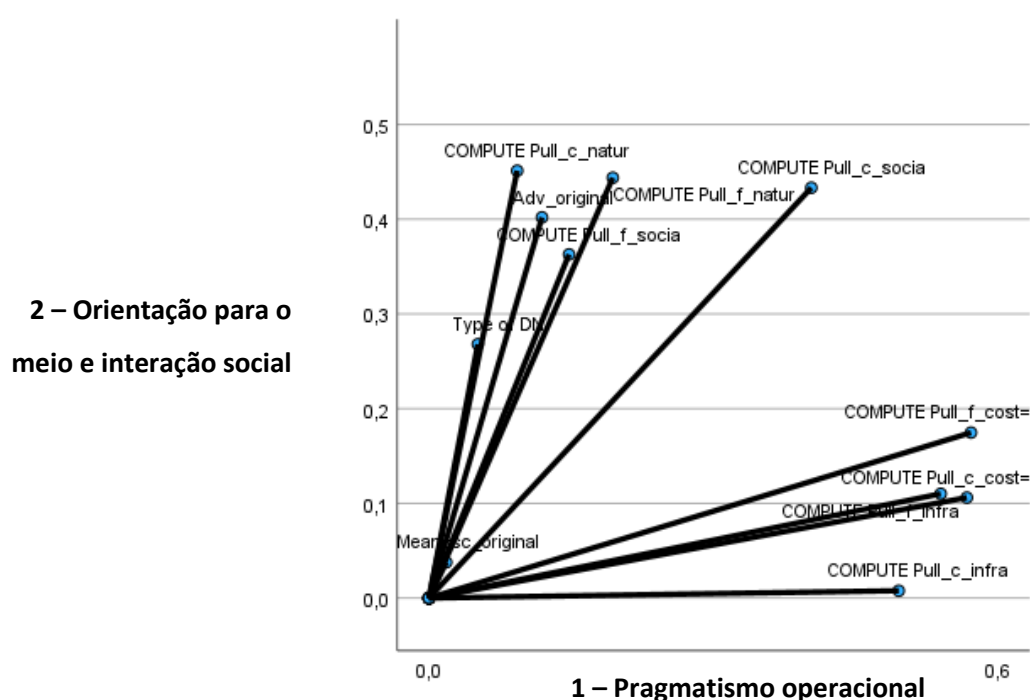
Para o grupo dos nómadas digitais com percurso intra-país e inter-regional, o *eigenvalue* para a primeira dimensão é de 3.198 e para a segunda é de 2.797, o valor de *inertia* é de .291 e .254 e os valores de *alpha* são .756 e .707 com valor médio de .733. Tal como na análise anterior, embora os valores de *alpha* não sejam muito elevados, são aceitáveis para estudos de natureza exploratória (e.g., Bryman, 2016).

As medidas de discriminação são apresentadas na Tabela 9 e na Figura 3.

Tabela 9. Medidas de discriminação - percurso intra-país e inter-regional

	Dimensão		Média
	1 - Pragmatismo operacional	2 - Orientação para o meio e interação social	
Pull_atual_natureza	0,093	0,451	0,272
Pull_atual_infraestrutura	0,495	0,008	0,251
Pull_atual_social	0,403	0,433	0,418
Pull_atual_custo	0,567	0,106	0,336
Pull_futuro_custo	0,571	0,175	0,373
Pull_futuro_social	0,148	0,363	0,255
Pull_futuro_natureza	0,194	0,444	0,319
Pull_futuro_infraestrutura	0,539	0,11	0,325
Push_aventura	0,119	0,402	0,261
Push_fugacompropósito	0,018	0,038	0,028
Tipo de nómada digital	0,052	0,268	0,16
Total ativo	3,198	2,797	2,998

Figura 3. Medidas de discriminação – percurso intra-país e inter-regional



Para os percursos intra-país e inter-regional, pela análise da Tabela 9, verifica-se que para a dimensão 1, os fatores *pull* mais elevados são relativamente à infraestrutura e ao custo, quer na localização atual, quer na localização futura.

O fator *pull* sobre a infraestrutura apresenta valores de .495 para a localização atual e .539 na localização futura, enquanto o fator relacionado com os custos apresenta valores de .567 e .571, respetivamente.

De acordo com esta Tabela 9, para a dimensão 2, os valores mais elevados verificam-se no fator natureza com .451 para a localização atual e .444 para a localização futura. O fator *pull* social, também apresenta valores superiores na dimensão 2 na localização atual, ainda que a diferença entre as duas dimensões não seja tão forte (.403 na dimensão 1 e .433 na dimensão 2).

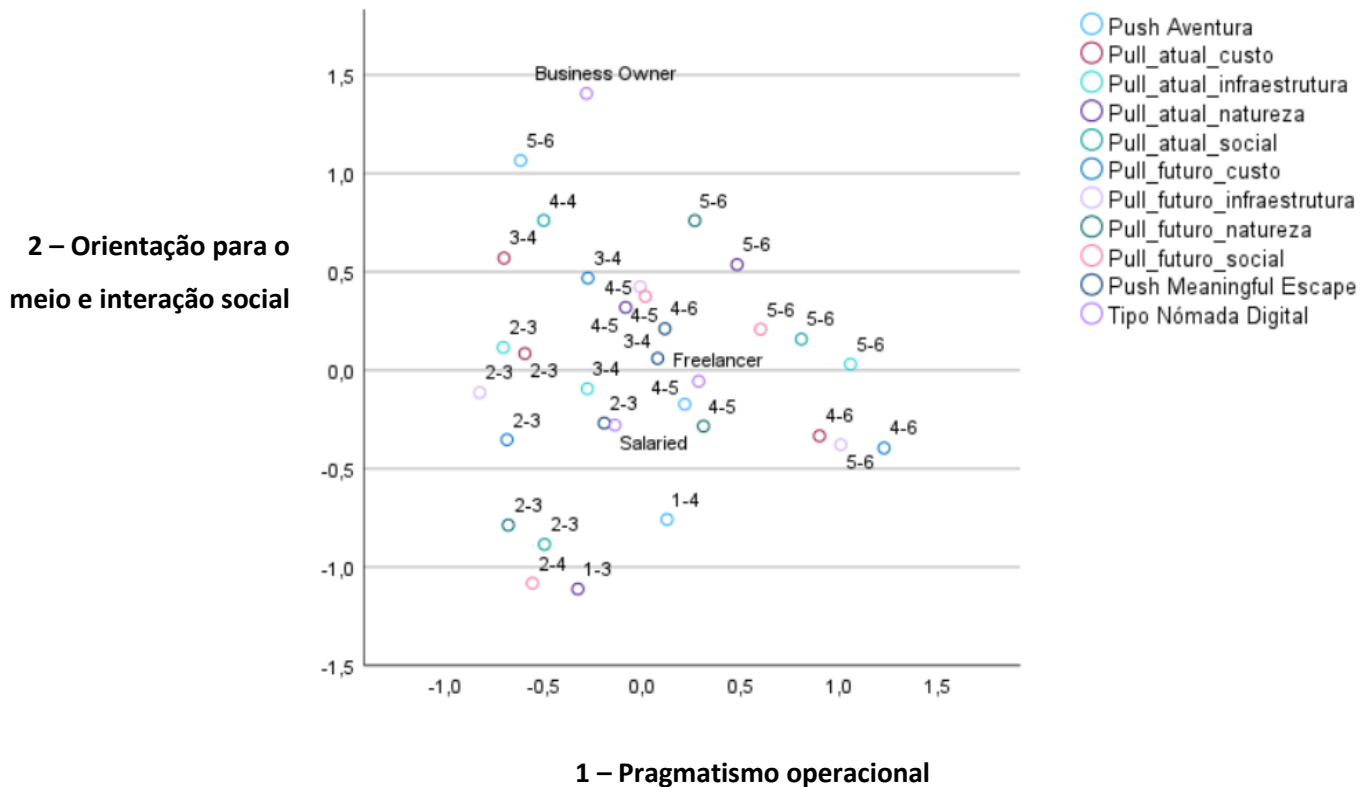
No caso deste tipo de percurso, os fatores relacionados com o social e a infraestrutura, têm representatividade maior na dimensão 1 porque apresentam valores superiores quando comparados com a dimensão 2 e são característicos da primeira dimensão porque a diferença entre as duas dimensões é elevada.

Para este tipo de percurso mais curto, parece que a dimensão 1 está mais associada a questões de pragmatismo, fatores mais operacionais e eficiência de trabalho, pois os fatores *pull* sobre a infraestrutura e os custos apresentam valores superiores quando comparados com a dimensão 2 (infraestrutura apresenta .495 face a .008 na dimensão 2 e custos apresenta .567 face a .106 na dimensão 2). A dimensão 2 verifica-se que está muito ligada a questões de natureza e aspetos sociais, pois quer na localização atual, quer na localização futura, apresenta valores superiores comparativamente à dimensão 1.

Contrariamente ao percurso intercontinental, em relação aos fatores *push* para estes dois tipos de percurso, o fator *push* relacionado com a aventura apresenta valores superiores nas dimensões 1 e 2 (.119 e .402, respetivamente) em comparação com o fator *push* fuga com propósito que apresenta valores .018 e .038 para as dimensões 1 e 2 respetivamente. Assim, o fator *push* sobre a aventura é mais característico em ambas as dimensões do que o fator *push* fuga com propósito.

A Figura 4 apresenta a distribuição das categorias dos nómadas digitais e os fatores *push* e *pull*.

Figura 4. Conjunto de categoria – percurso intra-país e inter-regional



A análise da Figura 4 é semelhante à anterior, na medida em que representa os diferentes tipos de nómadas digitais (empresários, *freelancer* e assalariados) e as associações com os níveis de variáveis que refletem os fatores relacionados à localização atual para os percursos intra-país e inter-regional. O nível inferior representa valores entre 1 e 2, os valores intermédios são valores entre 3 e 4 e os valores mais elevados são entre 5 e 6.

Ao contrário do percurso intercontinental, as variáveis mostram um agrupamento menos claro. Contudo, é possível identificar alguma proximidade entre os tipos de nómadas digitais *freelancer* e assalariados; o tipo empresário aparece mais isolado.

Para estes dois percursos, os tipos de nómadas digitais *freelancer* e assalariados já se encontram mais próximos em relação aos níveis atribuídos aos fatores *pull* ainda que os *freelancers* apresentem valores mais intermédios e os assalariados valores intermédios e baixos.

É possível verificar que o tipo empresário está mais associado à dimensão 2, isto é, a dimensão relacionada com a orientação para o meio e interação social do que para a dimensão 1, pragmatismo operacional, uma vez que para esta dimensão encontra-se perto do zero.

E relação aos assalariados e *freelancers*, estes encontram-se próximos do zero em ambas as dimensões, não refletindo uma preocupação quer para a orientação para o meio e interação social quer para o pragmatismo operacional.

CAPÍTULO 5

Discussão e Conclusão

Esta investigação teve como objetivo compreender os perfis de nómadas digitais e a sua relação com diferentes tipos de deslocação geográfica, explorando as motivações intrínsecas (fatores *push*) e as características atrativas dos destinos (fatores *pull*). A análise foi enquadrada na teoria dos fatores *push-pull*, adaptada às especificidades do nomadismo digital, um fenómeno que reflete as transformações sociais e culturais resultantes da globalização e digitalização.

Pelos resultados, é possível identificar os três perfis de nómadas descritos por Cook (2023), *freelancers* (41.4%), assalariados (34.5%) e empresários (23%) e verifica-se que o grupo dos *freelancers* veio a ser o predominante, como o autor afirmou nos seus estudos.

Relativamente ao percurso intercontinental, verificou-se que a dimensão 2 não era diferenciadora, uma vez que o valor mais elevado nesta dimensão era .598 para o fator *pull* social, mas, para este mesmo fator, a dimensão 1 também apresentou um valor elevado de .440. Este resultado pode ser devido ao reduzido tamanho da amostra.

A dimensão 1, parece refletir uma maior preocupação relativamente ao presente para os fatores sobre a natureza, a infraestrutura e o custo, sendo que apenas o social apresentou um valor mais elevado na localização futura para esta dimensão (.515).

Pela análise da figura de conjunto de pontos de categoria para o percurso intercontinental, é possível identificar três grandes grupos. Tanto no presente como no futuro, é possível identificar um grupo que reflete níveis mais baixos (1-3 e 2-4) das variáveis *push* e *pull*, outro grupo que reflete níveis intermédios (3-4, 3-5, 4-5) e ainda um terceiro grupo que reflete níveis elevados (4-6 e 5-6).

O tipo de nómada digital *freelancer* parece estar mais próximo do grupo que reflete níveis mais baixos dos fatores *push* e fatores *pull* e é possível verificar que a variável mais próxima é a variável *pull* custo da localização atual seguida da mesma variável, mas para a localização futura.

Se os *freelancers* parecem estar associados ao grupo que apresenta níveis mais baixos das variáveis, valorizam poucos estes fatores, pode significar que as motivações para os *freelancers* são outras que não as encontradas e utilizadas no estudo no contexto do turismo.

De acordo com Kitching (2016), os *freelancers* caracterizam-se pela sua independência e flexibilidade e, por isso, podem ter motivações intrínsecas diferentes das encontradas no contexto do turismo. Também o facto de os valores serem mais baixos, pode não querer dizer que este tipo de nómada digital não valorize nenhum fator, mas sim porque o que pode ser valorizado pelos mesmo não estão especificamente previstos na literatura utilizada do contexto do turismo. Estudos como o de Cohen et al., (2015) e Muller (2016) destacam que os *freelancers* procuram a autorrealização e o

equilíbrio entre o trabalho-vida, algo que não está refletido nos fatores *push* do contexto do turismo e, para além destes fatores, também a liberdade é um fator determinante para este grupo específico de nómadas digitais, de acordo com Makimoto e Manners (1999).

Para este percurso intercontinental, os fatores como a adaptação cultural desempenham um papel importante, conforme abordado por King (2012) e Hannonen (2021) e, além disso, a infraestrutura digital e as políticas de visto tornam-se também fundamentais em deslocações mais longas e estes aspetos não foram considerados na análise deste estudo e dos resultados. Também O'Reilly (2007) e Benson e O'Reilly (2018) reforçam o papel das redes transnacionais e da conectividade global na escolha dos destinos intercontinentais e que não foram consideradas na análise, contudo podem ter também um papel na justificação destes resultados relativamente aos percursos intercontinentais, pois permitem a conectividade entre os indivíduos a partilha de experiências e o suporte durante as deslocações.

No caso dos tipos de nómada digital assalariados e empresários, ao contrário dos *freelancers*, estão mais próximos aos níveis intermédios das variáveis e parecem apresentar níveis distintos de autonomia na escolha do destino. Enquanto os empresários, segundo Cook (2023) valorizam mais o *networking* e a criação de negócios, os assalariados muitas vezes precisam de seguir as decisões organizacionais, justificando a menor valorização do fator infraestrutura na decisão final. Como indicado por Sutherland e Jarrahi (2018), os empresários priorizam frequentemente destinos que oferecem oportunidades de inovação e colaboração. Pela análise dos resultados da Figura 2, verifica-se que os assalariados e os empresários encontram-se próximos dos níveis intermédios, contudo o grupo dos empresários encontra-se mais próximo do fator *push* sobre a aventura.

No caso dos nómadas digitais que optam por percursos mais curtos, isto é, percursos intra-país e inter-regional, foi possível perceber que existe uma distribuição em torno de dois eixos, a dimensão 1 relacionada com pragmatismo operacional e dimensão 2 relacionada com questões sociais e de orientação para o meio.

No entanto, a distribuição não permite uma identificação de grupos com muita clareza, ao contrário do percurso intercontinental. Ainda assim, o tipo *freelancer* parece estar próximo do zero nos dois eixos, ou seja, parece não estar tão relacionado ao pragmatismo operacional nem à orientação para o meio e interação social. Contudo, parece estar próximo de níveis elevados do fator *push* relacionado com a aventura (4-5) e níveis intermédios para o fator *push* fuga com propósito (3-4), o que significa que mesmo não estando relacionados com nenhum dos eixos identificados, este tipo de nómada digital atribui alguma importância aos fatores *push*, sendo que a aventura é o que apresenta estar mais próximo. Desta forma, verifica-se que os *freelancers* procuram questões de fuga com propósito e aventura.

Em relação aos assalariados, também parece que nem a dimensão 1, nem a dimensão 2 são muito importantes, mas este estão próximos do *push* fuga com propósito com um nível baixo (2-3), o que significa que este fator não é tão valorizado como o fator *push* aventura, também próximo deste grupo de nómadas, e que apresenta um nível intermédio 4-5 e como o fator *pull* da localização futura sobre a natureza que apresenta um nível intermédio de 4-5. Enquanto os *freelancers* procuram ambos os fatores *push*, os assalariados procuram o *push* relacionado com a aventura.

Por fim, no caso dos empresários, estes estão destacados na dimensão 2 e próximos da variável *push* aventura com um elevado (5-6). Dos três tipos de nómadas digitais, parece que os empresários valorizam tanto aspetos relacionados com o social como com a natureza e parecem não valorizar os aspetos ligados a custos e infraestruturas. Estes nómadas digitais valorizam fatores sociais e de natureza devido ao impacto que estes elementos têm no seu bem-estar e criatividade, como observado em Hart (2015) e por Florida (2002) na teoria da classe criativa. Ao analisarmos os resultados, faz sentido que em trajetos mais curtos, como as viagens intra-país, a menor diferença nos custos e na infraestrutura entre regiões torna os fatores como a natureza e o social mais relevantes. Richards (2015) e Sheller e Urry (2006), confirmam que os nómadas digitais tendem a procurar destinos com maior qualidade ambiental em deslocações de menor distância, priorizando os fatores relacionados com o bem-estar e a sustentabilidade.

Além disso, a flexibilidade para trabalhar em ambientes inspiradores pode aumentar a produtividade e a inovação (Florida, 2002), explicando essa preferência. Bauman (2000) também destaca a procura pela autenticidade e qualidade de vida como parte da motivação empresarial.

5.1 Implicações práticas e teóricas

Depois de analisar e discutir os resultados deste estudo, é importante refletir sobre as implicações práticas e teóricas.

Este estudo contribui para o avanço das teorias sobre a mobilidade ao explorar o nomadismo digital, um fenómeno emergente que desafia as teorias clássicas da migração. Embora as teorias tradicionais, como a neoclássica e a teoria da nova economia, enfoquem a migração por fatores económicos e sociais, este trabalho evidencia que a mobilidade dos nómadas digitais se baseia em fatores relacionados com a autonomia, flexibilidade e qualidade de vida (Cook, 2020 e Muller, 2016). Desta forma, surgem novas categorias de motivação, como os fatores *push-pull*, adaptados a um contexto de trabalho remoto e globalizado.

A principal contribuição teórica reside na aplicação da teoria *push-pull*, desenvolvida para o turismo, ao contexto do nomadismo digital. Ao identificar dimensões específicas como a

infraestrutura, a natureza e fatores sociais, este estudo propõe uma nova abordagem para compreender as motivações e a escolha de destinos pelos nómadas digitais.

Adicionalmente, a tipologia desenvolvida por Cook (2023) foi testada empiricamente, reforçando a distinção entre os diferentes perfis de nómadas digitais e os seus comportamentos migratórios. A distinção entre deslocações intercontinentais e deslocações intra-país/inter-regionais também representa uma importante contribuição para a literatura, ao sugerir que diferentes trajetos estão associados a motivações distintas.

Este estudo apresenta também implicações relevantes para governos, destinos e empresas que pretendam atrair nómadas digitais.

Para as políticas públicas e benefícios fiscais, os resultados da Tabela 6 indicam que fatores como a infraestrutura tecnológica, a segurança e os custos de vida (variáveis custos) desempenham um papel importante na escolha dos destinos. Assim, políticas públicas que promovam a criação de condições favoráveis a nómadas digitais, como vistos específicos e benefícios fiscais, podem tornar um país mais atrativo.

A importância atribuída à infraestrutura tecnológica e ao acesso a serviços de saúde e transportes reforça a necessidade de investimentos em infraestruturas que suportem o trabalho remoto e promovam o bem-estar dos nómadas digitais.

Na Figura 4 é possível verificar que os empresários estão mais isolados dos outros nómadas digitais e têm maior presença na dimensão 2 ao contrário dos freelancers e dos assalariados que estão mais próximos do zero. Uma vez que para trajetos intra-país e inter-regionais, os fatores relacionados com a natureza e o ambiente social são mais valorizados na dimensão 2, os destinos alternativos e menos explorados com boa qualidade de vida e proximidade a áreas naturais, podem ser promovidos como ideais para o trabalho remoto, contribuindo para o desenvolvimento económico também da região.

Em termos empresariais, as empresas locais podem desenvolver parcerias estratégicas com espaços de *coworking* e alojamentos, criando iniciativas que atendam às necessidades específicas deste público.

Por fim, considerando que os fatores sociais são determinantes na escolha dos destinos futuros, iniciativas que promovam a integração dos nómadas digitais na comunidade local podem contribuir para uma experiência mais positiva e aumentar o tempo de permanência do destino.

5.2 Limitações e direções para investigação futura

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas ao interpretar os resultados e identificar direções futuras. Uma das principais limitações diz respeito ao tamanho e

representatividade da amostra. Embora a amostra utilizada tenha permitido alcançar resultados relevantes, com 87 indivíduos, o seu tamanho reduzido pode limitar a generalização das conclusões para a população de nómadas digitais em geral. Estudos futuros poderão beneficiar de amostras mais amplas e diversificadas, incluindo uma maior variedade de perfis culturais e geográficos.

Uma vez que este foi um estudo de natureza exploratória, pode vir a informar investigação futura. Embora o estudo tenha identificado perfis distintos e fatores motivacionais importantes, as investigações futuras poderiam adotar abordagens longitudinais, acompanhando a evolução das motivações e comportamentos dos nómadas digitais ao longo do tempo, para compreender melhor as mudanças nas preferências e percursos.

Adicionalmente, a classificação dos nómadas digitais foi baseada no modelo de Cook (2023), no entanto, é possível que existam outras categorias ou perfis de nómadas digitais que não foram considerados, podendo futuros estudos explorar novas tipologias e desenvolver novos modelos mais abrangentes para classificar os nómadas digitais.

Por fim, outro aspeto a considerar são os fatores contextuais externos como as crises económicas, as mudanças políticas e pandemias que podem influenciar as decisões e os comportamentos dos nómadas digitais. Embora o estudo tenha um foco nos fatores *push-pull*, pesquisas futuras poderiam analisar como estas variáveis externas afetam a mobilidade, a escolha dos destinos e as condições de trabalho.

Referências

- Arango, J. (2000). 'Explaining Migration: A Critical View', *International Social Science Journal*, 52: 283-96.
<https://doi.org/10.1111/1468-2451.00259>
- Alghamdi, A. (2007). *Explicit and implicit motivation towards outbound tourism: A study of Saudi tourists*. University of Glasgow.
- Bauman, Z. (1996). *Tourists and Vagabonds: Heroes and Victims of Postmodernity*. Institut für Höhere Studien (HIS).
- Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Polity Press.
- Benson, M. & O'Reilly, K. (2018). *Lifestyle migration and colonial traces in Malaysia and Panama*. Springer.
- Bonneau, C., & Aroles, J. (2021). Digital nomads: A new form of leisure class? Experiencing the New World of Work. (157-178). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108865814.011>
- Brown, P. & Lauder, H. (2006). Globalisation, knowledge and the myth of the magnet economy. *Globalisation, Societies and Education*, 4(1): 25–57. <https://doi.org/10.1080/14767720600555046>
- Bryman, A. (2016). *Social Research Methods* (5th ed.). Oxford University Press.
- Carvalho, H. (2008). *Análise Multivariada de Dados Qualitativos. Utilização da Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) com o SPSS*. Edições Sílabo.
- Castles, S. & Miller, M. J. (2009). The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World (4th ed.). Basingstoke: Palgrave MacMillan. *Journal of Contemporary European Research*, 5(2), 326–327. <https://doi.org/10.30950/jcer.v5i2.188>
- Castles, S., de Haas, H., & Miller, M. J. (2014). *The Age of Migration*. Macmillan Education UK. <https://doi.org/10.1007/978-0-230-36639-8>
- Clarke, J. I. (1978). Population geography. *Progress in Human Geography*, 2(1), 163–169. <https://doi.org/10.1177/030913257800200112>.
- Chandna, R. C. (1998). *Population: Geographical analysis*. Kalyani Publishers.
- Chevtava, E., & Denizci-Guillet, B. (2021). Digital nomads' lifestyles and coworkation. *Journal of Destination Marketing and Management*, 21. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2021.100633>
- Cohen, S. A., Duncan, T., & Thulemark, M. (2015). Lifestyle Mobilities: The Crossroads of Travel, Leisure and Migration. *Mobilities*, 10(1), 155–172. <https://doi.org/10.1080/17450101.2013.826481>
- Cook, D. (2023). What is a digital nomad? Definition and taxonomy in the era of mainstream remote work. *World Leisure Journal*, 65(2), 256–275. <https://doi.org/10.1080/16078055.2023.2190608>
- Cook, D. (2020). The freedom trap: digital nomads and the use of disciplining practices to manage work/leisure boundaries. *Information Technology and Tourism*, 22(3), 355-390. <https://doi.org/10.1007/s40558-020-00172-4>

- Cusumano, E. (2019). Straight jacketing migrant rescuers? The code of conduct on maritime NGOs. *Mediterranean Politics*, 24, 106-140.
- De Haas, H. (2010). Migration and development: A theoretical perspective. *International Migration Review*, 44(1), 227–264. <https://doi.org/10.1111/j.1747-7379.2009.00804.x>
- Demko, G. J., Ross, H. M. & Schnell, G. A. (1970). *Population Geography: A Reader*. New York: McGraw-Hill Book Company.
- Dreher, N. & Triandafyllidou, A. (2023). *Digital Nomads: Toward a Future Research Agenda*. Toronto Metropolitan University.
- Ehn, K., Jorge, A., & Marques-Pita, M. (2022). Digital Nomads and the Covid-19 Pandemic: Narratives About Relocation in a Time of Lockdowns and Reduced Mobility. *Social Media and Society*, 8(1). <https://doi.org/10.1177/20563051221084958>
- Florida, R. (2002). The Rise of the Creative Class. *Washington Monthly*, 15–25.
- Gray, L. M., Wong-Wylie, G., Rempel, G. R., & Cook, K. (2020). Expanding qualitative research interviewing strategies: Zoom video communications. *Qualitative Report*, 25(5), 1292-1301. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2020.4212>
- Greenacre, M. (2017). *Correspondence analysis in practice, third edition. Correspondence Analysis in Practice, Third Edition* (pp. 1–310). CRC Press. <https://doi.org/10.1201/9781315369983>
- Goldring, L. & Durand, J. (1994). The cumulative causation of migration. *Population and Development Review*, 20(3), 411-437.
- Faist, T. (2013). The mobility turn: A new paradigm for the social sciences? *Ethnic and Racial Studies*, 36(11), 1637-1646.
- Hart, A. (2015). Living and Working in Paradise: The Rise of the Digital Nomad, 9(3), 203-222.
- Hair, J. F., William, C. B., Barry, J. B. & Rudolph, E. A. (2014). *Multivariate Data Analysis*. Prentice-Hall, Inc.
- Hannonen, O. (2021). In search of a digital nomad: defining the phenomenon. *Information Technology & Tourism*, 23(3), 471–471. <https://doi.org/10.1007/s40558-021-00205-6>
- Han, H., Lee, S., Meng, B., Chua, B. L., & Ryu, H. B. (2020). The relative importance of volunteer tourism (sustainable/pro-social form of tourism) motivation factors for young tourists: A descriptive analysis by continents, gender, and frequency. *Sustainability*, 12(10). <https://doi.org/10.3390/SU12104002>
- Harris, J. R., & Todaro, M. P. (1970). Migration, Unemployment and Development: A Two-Sector Analysis. *American Economic Review*, 60, 126–142.
- Hollingsworth, T. H., & Trewartha, G. T. (1971). A Geography of Population. World Patterns. *Population Studies*, 25(1), 158. <https://doi.org/10.2307/2172770>
- International Organization for Migration (2019). *Who is a Migrant?*

- Jang, S. C. S., & Liping, C. (2002). Travel motivations and destination choice: A study of British outbound market. *Journal of Travel and Tourism Marketing*, 13(3), 111-133. <https://doi.org/10.1080/10548400209511570>
- Jennissen, R. P. W. (2004). *Macro-economic determinants of international migration in Europe*. Rozenberg Publishers.
- Johnston, R. J. (1994). *The Dictionary of Human Geography*. Backwell Publishers.
- Johnson T. (2022). *44 Countries with Digital Nomad Visas – The Ultimate List*.
- Khanom, S., Moyle, B., Scott, N., & Kennelly, M. (2019). Host–guest authentication of intangible cultural heritage: a literature review and conceptual model. *Journal of Heritage Tourism*, 14(5–6), 396–408. <https://doi.org/10.1080/1743873X.2019.1574804>
- King, R. (2012). Geography and Migration Studies: Retrospect and Prospect. *Population, Space and Place*, 18(2), 134–153. <https://doi.org/10.1002/psp.685>
- Kitching, J. (2016). Between vulnerable compliance and confident control: Freelancers and self-employment in the gig economy. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 23(4), 849-866.
- Kempf, A. (2019). Anti-Colonial Historiography: Interrogating Colonial Education. In *Anti-Colonialism and Education* (129–158). BRILL. https://doi.org/10.1163/9789087901110_008
- Koser, K. (2016). *International Migration: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/actrade/9780198753773.001.0001>
- Lhakard, P. (2022). Destination City for Digital Nomad's in Thailand: A Case Study of Digital Nomad Community in Chiang Mai. *Journal of Humanities and Social Sciences Studies*, 4(1), 178-188. <https://doi.org/10.32996/jhsss.2022.4.1.18>
- Laub, Z. (2016). *Authoritarianism in Eritrea and the Migrant Crisis*.
- Lee, E. S. (1966). A Theory of Migration. *Demography*, 3(1), 47-57. <https://doi.org/10.2307/2060063>
- Lee, A., Toombs, A. L., Erickson, I., Nemer, D., Ho, Y. S., Jo, E., & Guo, Z. (2019). *The social infrastructure of co-spaces. Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction*, 1-23.
- Mathieson, A. & Wall, G. (1982). *Tourism economic, physical and social impacts*. Longman.
- Makimoto, T. & Manners, D. (1999). *Digital nomad*. John Wiley & Sons.
- Massey, D. S., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., & Taylor, J. E. (1993). Theories of international migration: a review and appraisal. *Population & Development Review*, 19(3), 431–466. <https://doi.org/10.2307/2938462>
- Milanovic, B. (2016). *Global inequality: a new approach for the age of globalization*. Harvard University Press.

- Muller, A. (2016). The digital nomad: Buzzword or research category? *Transnational Social Review*, 6(3), 344–348. <https://doi.org/10.1080/21931674.2016.1229930>
- Nederveen Pieterse, J. (2017). *Multipolar Globalization: Emerging Economies and Development*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315312859>
- Newman, J. L. & Matzke, G. E. (1984). *Population: Pattern, Dynamics and Prospects*. Prentice-Hall, Inc.
- Newell, C. (1988). *Methods and Models in Demography*. <https://doi.org/10.1080/0032472031000144726>
- Orel, M. (2019). Coworking environments and digital nomadism: balancing work and leisure whilst on the move. *World Leisure Journal*, 61(3), 215–227. <https://doi.org/10.1080/16078055.2019.1639275>
- O'Reilly, K. (2007). Intra-European migration and the digital economy. *Journal of Work Studies*, 34(2), 112–127.
- Peterson, D. R. (1968). *The clinical study of social behavior*. Prentice Hall.
- Pestana, H., & Gageiro, J. (2014). Análise de Dados para ciencias sociais. *Edições Sílabo*, 1240. Retirado de <https://silabo.pt/catalogo/informatica/aplicativos-estatisticos/livro/analise-de-dados-para-ciencias-sociais/>
- Poulain, M. & Perrin, N. (2001). *Is the measurement of international migration flows improving in Europe*. Working Paper.
- Postma, A., & Schmuecker, D. (2017). Understanding and overcoming negative impacts of tourism in city destinations: conceptual model and strategic framework. *Journal of Tourism Futures*, 3(2), 144–156. <https://doi.org/10.1108/JTF-04-2017-0022>
- Richards, G. (2015). The new global nomads: Youth travel in a globalizing world. *Tourism Recreation Research*, 40(3), 340–352. <https://doi.org/10.1080/02508281.2015.1075724>
- Reichenberger, I. (2018). Digital nomads—a quest for holistic freedom in work and leisure. *Annals of Leisure Research*, 21(3), 364–380. <https://doi.org/10.1080/11745398.2017.1358098>
- Sassen, S. (2014). *Expulsions: Brutality and Complexity in the Global Economy*. Harvard University Press.
- Salt, J. (1987). Contemporary Trends in International Migration Study. *International Migration*, 25(3), 241–251. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2435.1987.tb00586.x>
- Sheller, M., & Urry, J. (2006). The new global nomads: Youth travel in a globalizing world. *Tourism Recreation Research*, 40(3), 340–350.
- Spaan, E. & Zoomers, A. (2008). Migration and development: trajectories and themes. *International Migration*, 46 (3), 15–36.
- Stark, O. (1991). Migration in LDCs: risk, remittances, and the family. *Finance & Development*, 28(4), 39–41.
- Stanojoska, A. & Petrevski, B. (2012). Theory of Push and Pull Factors: A New Way of Explaining the Old. *International Science Conference Ohrid*, 1(1), 1–13.

- Sutherland, W., & Jarrahi, M. H. (2018). The gig economy and information infrastructure: The digital nomad lifestyle. *Information Systems Journal*, 28(3), 507-524.
- Tsegay, S. M. (2022). Hope Springs Eternal: Exploring the Early Settlement Experiences of Highly Educated Eritrean Refugees in the UK. *Journal of International Migration and Integration*, 23, 1235–55. <https://doi.org/10.1007/s12134-021-00883-5>
- Tokarchuk, O., Gabriele, R., & Neglia, G. (2021). Teleworking during the Covid-19 Crisis in Italy: Evidence and Tentative Interpretations. *Sustainability*, 13(4), 1-12. <https://doi.org/10.3390/su13042147>
- United Nations, Department of Economics and Social Affairs (1970). Methods of Measuring Internal Migration, A (47). Population Studies.
- Vertovec, S. (2002). Transnational Networks and Skilled Labour Migration Steven Vertovec WPTC-02-02. *Labour*, (February), 14–15.
- Weeks, J. R. (1989). *Population: An Introduction to Concepts and Issues*. Words worth Publishing Company.
- Yousefi, M. & Marzuki, A. (2015). An Analysis of Push and Pull Motivational Factors of International Tourists to Penang, Malaysia. *International Journal of Hospitality & Tourism Administration*, 16(1), 40-56. <https://doi.org/10.1080/15256480.2015.991987>
- Zemblyas, M. (2012). Transnationalism, migration and emotions: implications for education. *Globalisation, Societies and Education*, 10(2), 163–179. <https://doi.org/10.1080/14767724.2012.647403>
- Zelinsky, Z. (1971). The Hypothesis of the Mobility Transition. *Geographical Review*, 61(2), 219-249. <https://doi.org/10.2307/213996>

Anexo A. Questionário



Survey: Nómadas Digitais

This survey is part of a research project conducted within the MSc in HR Development Policies, at Iscte-University Institute of Lisbon.

We appreciate your participation by filling this short questionnaire, which will take only 6 minutes. Your participation is anonymous and confidential. Thank you very much for your time and contribution to this study.

If you have any doubts or comments, please contact: Mariana Pinto (mtrcp@iscte-iul.pt).

If you would like to participate in this study please press the arrow

Q1. A digital nomad is someone who uses technology to work remotely and live a location-independent lifestyle, often travelling and living in different places while maintaining their career or business online.

Do you currently match this description?

- ☐ Yes
- ☐ No

[A resposta "Não" determina o fim do questionário]

Q2. Just to characterize the sample (in an aggregated way) could you kindly state your:

Age – years (numbers only)

Gender

- ☐ Male
- ☐ Female
- ☐ Other

Nationality

Q3. Current location – in which city are you currently living?

Q4. How long have you lived there (in months)?

Q5. Consider where you have lived since you started working as a digital nomad.

Name all the cities/locations (not countries) where you have worked and the respective dates – year. Start with the oldest (indicate as many as possible)

	City/location	Date
1 st		
2 nd		
3 rd		
4 th		
5 th		
6 th		
7 th		
8 th		
9 th		
10 th		

Q6. Consider the city/location where you are currently living

I've decided to moved to this city because...

Mark the alternative that best fits your perception, on a scale of 1 (🤔) to 6 (😄), where 1 means strongly disagree and 6 means strongly agree:

	🤔	😞	😟	😏	😊	😄
I want to see new places	☐	☐	☐	☐	☐	☐
I want to get to know new cultures	☐	☐	☐	☐	☐	☐
I want to discover new lifestyles	☐	☐	☐	☐	☐	☐
I want to promote my intellectual enrichment	☐	☐	☐	☐	☐	☐
I want to escape from routine	☐	☐	☐	☐	☐	☐
I want to relax physically	☐	☐	☐	☐	☐	☐
I want to experience adventures	☐	☐	☐	☐	☐	☐
I want to fulfill a dream and curiosity	☐	☐	☐	☐	☐	☐
I want to be happy	☐	☐	☐	☐	☐	☐
I want to visit a destination that most people value	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Q7. I chose this location/city where I'm currently working because of its...

						
Hospitality	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Language/ ease of communication	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Infrastructure / Technological conditions	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Access to health care	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Sanitary conditions	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Gastronomy	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Nightlife	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Climate / Weather	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Nature and Landscapes	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Beach / Coast	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Sports (e.g. surf)	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Cultural diversity	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Quality of life	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Affordability	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Social environment	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Safety and security	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Transportation	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Taxes/fiscal advantages	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Q8. Consider the future

Name a city/location where you would like to work in the near future

Q9. I chose this location/city as a possible next move because of its...

						
Hospitality	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Language communication	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Infrastructure / Technological conditions	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Access to health care	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Sanitary conditions	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Gastronomy	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Nightlife	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Climate / Weather	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Nature and Landscapes	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Beach / Coast	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Sports (e.g. surf)	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Cultural diversity	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Quality of life	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Affordability	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Social environment	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Safety and security	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Transportation	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Transparency of activities and policies	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Taxes/fiscal advantages	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Q10. There are several types of digital nomads, which best describes you?

- ☐ Freelancer: Workers who have control over their mode of employment
- ☐ Business Owner / Entrepreneur: Run more complex business with contractors, employees or business infrastructures
- ☐ Salaried: Employed by a company, have a salary and contract
- ☐ Other

Q11. Since what year have you been a digital nomad?

Q12. Just to characterize the sample (in an aggregated way) could you kindly state your:

Civil status

- ☐ Single
- ☐ Married/Cohabiting
- ☐ Divorced/Separated
- ☐ Widow/Widower

How many underaged children do you have?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4 +

What is your highest education level?

- ☐ No formal education
- ☐ Primary/Elementary school
- ☐ Secondary/High school
- ☐ Vocational/Technical training
- ☐ Some college or university, but no degree
- ☐ Bachelor's degree
- ☐ Master's degree
- ☐ Ph.D

In which industry/sector do you work (e.g. IT, Health Care, Education, etc)

Q13. Is there anything else you'd like to add about your experience as a digital nomad, or any other insights you think are relevant to this research?

Thank you for your participation in this survey. Your input is greatly appreciated.
